

Teorias Lingüísticas I



1. Introdução: visão geral do curso

A lingüística é uma ciência marcada por dois grandes movimentos: o **estruturalismo** e o **gerativismo** que serão o foco dos nossos estudos neste curso. São dois movimentos referenciais para a lingüística e quando dizemos isto queremos enfatizar sua importância como movimentos fundadores de discussões. **Ferdinand de Saussure** e **Noam Chomsky**, os nomes de base dos dois movimentos, construíram, para a lingüística, teorias que servem de referência para os movimentos modernos, pois é sempre a partir delas (criticando ou sendo favorável a elas) que as linhas modernas da lingüística se constituem.

Dizer que são movimentos nucleares para a lingüística não significa deixar de lado as críticas que foram e ainda são feitas aos dois, mas antes de tudo, esta disciplina de Teorias Lingüística I tem como objetivo apresentar as principais teorias dos dois movimentos para que depois, conhecedor das teorias, você possa ler as críticas e posicionar-se diante delas.

Bárbara Weedwood (2004), no livro “História Concisa da Lingüística”, capítulo sobre a lingüística do século XX, fala que as abordagens de Saussure e Chomsky foram marcadas por uma tensão entre o foco universalista e particularista que já existia nas discussões sobre língua/linguagem antes deles. Você verá essa discussão nos estudos dos dois principalmente nas famosas dicotomias saussurianas e na não menos famosa discussão de Chomsky que envolve dicotomias como **performance** e **competência**, **estrutura profunda** e **estrutura superficial**, dentre outras. Estas abordagens serão criticadas duramente, no último quartel do século XX, pelos que se dedicarão à abordagem funcionalista da língua, aos seus aspectos pragmáticos e à defesa da língua como uma atividade social, sujeita à pressão da ideologia. A autora ainda sustenta que a lingüística avança, a partir destas críticas, em direção a uma interdisciplinaridade crescente, na intercessão com outras ciências humanas. Estas abordagens serão estudadas na próxima disciplina de Lingüística. Por enquanto, ficamos com os dois grandes movimentos.

Comecemos falando sobre o estruturalismo.

2. Dois estruturalismos: europeu e americano

É preciso começar compreendendo que há dois movimentos estruturalistas. Um europeu, influenciado pela publicação do Curso de Lingüística Geral¹, livro editado pelos alunos de Ferdinand de Saussure e que contém o básico do seu ensinamento², e outro americano que tem como nomes principais os dos estudiosos Bloomfield e Harris.

AGORA É A SUA VEZ: Leia, no livro MANUAL DE LINGÜÍSTICA, organizado por Mário Eduardo Martelotta, no capítulo sobre o Estruturalismo, a parte “A corrente norte-americana” (pp. 123 a 126) e faça o exercício número 6.



Chomsky, embora tenha sido aluno de Harris e notadamente influenciado pelo estruturalismo americano, distingue-se muito claramente dele. Isto será visto mais adiante quando estivermos abordando o gerativismo. Comecemos, então, pelo estruturalismo europeu.

2.1 O estruturalismo europeu

O estruturalismo europeu não é um movimento exclusivo da lingüística. Ele se faz a partir da lingüística, ou melhor, a partir de conceitos ou discussões teóricas empreendidas por Ferdinand de Saussure durante os seus três cursos de Lingüística Geral ministrados em Genebra durante os anos de janeiro de 1907 a julho de 1911, mas não se restringe à lingüística, na verdade, influencia toda uma série de estudos importantes conforme veremos mais adiante.

¹ A partir de agora, ao fazer referência a este livro usarei apenas a sua sigla, já muito conhecida, ou seja: CLG

² Falaremos mais adiante sobre o CLG quando traremos os conceitos saussurianos que influenciaram a geração estruturalista francesa.

Vejamos, então, algo sobre os estudos saussurianos, influência para o estruturalismo francês e ponto referencial para a lingüística firmar-se como ciência, como você já viu no curso de *Introdução aos estudos lingüísticos*, com o professor *Jan Edson*.

Saussure morre em 1913 e em 1916 será publicado o CLG, livro que não foi escrito por ele, mas feito em sua homenagem, como iniciativa de dois de seus antigos alunos e admiradores: Charles Bally e Albert Sechehaye. Estes alunos recolheram textos manuscritos de Saussure e anotações de aulas dos alunos que assistiram os seus três cursos de Lingüística Geral e organizaram o CLG.

O fato de os alunos tentarem publicar as idéias do mestre trouxe problemas de uma certa forma óbvios, levando-se em conta as circunstâncias da publicação. Era preciso, antes de tudo, dar uma seqüência lógica às reflexões expostas nos três cursos de lingüística geral. Os editores, como talvez qualquer outro que tivesse o mesmo objetivo, formaram, então, o livro, colocando os assuntos na ordem que achavam seria a mais clara. Não foi seguida, por exemplo, a ordem dos cursos, talvez porque os editores julgaram não expressar, esta ordem, a clareza e o fechamento que queriam dar às idéias do mestre. Além disso, acrescentaram comentários e esclarecimentos seus, aos pontos que consideravam obscuros.

É por isto que podemos dizer que o CLG, obra indispensável para a lingüística, apesar de todas as vantagens, carrega pelo menos uma falha perversa, mas, talvez, contraditoriamente, indispensável à construção de qualquer obra: apresenta um pensamento que estava em andamento como obra já acabada.

É preciso salientar que o CLG, embora não tenha sido escrito por Saussure, tem dois pontos fundamentais que devem ser levados em consideração por qualquer estudioso do campo da linguagem. Primeiro, a sua importância histórica, fundamental, pois, sem dúvida, foi ele que deu a Saussure o reconhecimento como fundador da ciência lingüística moderna e, mais que isto, influenciou toda uma geração que viu nas suas noções a base para o movimento estruturalista. Além disso, é preciso entender que o CLG, embora não tenha sido uma composição do “punho” de Saussure, depois de anos de estudos dos seus manuscritos, é considerada uma obra que guarda o essencial de seu pensamento.

Voltando ao que estávamos dizendo sobre o estruturalismo francês, ele é um movimento que tem a lingüística como ciência piloto, ou seja, a ciência que “dirige”, direciona os estudos que serão feitos em outras ciências como a antropologia, de Claude Lévi-Strauss, a Filosofia, de Merlou Ponty, a Psicanálise, de Jacques Lacan, para falar apenas dos estudos mais importantes da época e que foram clara e abertamente influenciados e/ou pela leitura do CLG e/ou pela influência fantástica de outro grande nome da lingüística, o poeta da lingüística: Roman Jakobson.

Saussure chamou à organização interna da língua de sistema, mas foi Jakobson quem pela primeira vez, em um congresso sobre lingüística, usou o nome de estruturalismo para designar um movimento que nortearia as ciências humanas, reunindo-as em torno de uma idéia principal que era a idéia de sistema em Saussure, ou seja, a de que um elemento da língua só adquire seu valor porque se relaciona com os outros elementos do sistema do qual faz parte. Foi este método estrutural que influenciou, como dissemos, toda uma geração.

Como nosso objetivo aqui é falar de lingüística, deixaremos para os mais curiosos a pesquisa sobre as ciências diretamente influenciadas pelos estudos saussurianos, principalmente as citadas logo acima.

Das escolas estruturais mais importantes da Europa, vamos destacar a Escola de Praga, não apenas pela presença de Jakobson, que é um capítulo essencial na história do estruturalismo, mas pela sua importância para a lingüística, a partir dos estudos nela desenvolvidos principalmente da parceria entre Jakobson e o príncipe russo Nicolae Trubetskoy, já que é dela que surgem os estudos da fonologia.

PARA VOCÊ: Agora, você pode fazer uma parada para pesquisar mais sobre a Escola de Praga, seus estudiosos, sua principal contribuição para a lingüística. Além disso, vale a pena pesquisar particularmente a contribuição de Jakobson. Portanto, pesquise sobre este estudioso da lingüística, indicando sites relacionados, textos que falem dele, além de fazer um resumo do seu percurso na lingüística.



Portanto, vale a pena insistir em dizer que Ferdinand de Saussure fala em sistema lingüístico, mas quem usa o termo estruturalismo e é responsável por mostrar as idéias do CLG (principalmente as que estão em torno da noção de sistema) a Claude Lévi-Strauss, a Jacques Lacan e a outros e, portanto, influenciar toda uma geração, podendo ser considerado o grande mentor do movimento estruturalista, é Roman Jakobson, o lingüista russo.

Resumindo esta parte, podemos dizer que o estruturalismo europeu é um movimento que envolveu ciências, como a Antropologia, a Psicanálise, a Filosofia, em torno de um elemento comum: a idéia de um sistema que pode ser estudado através das suas relações internas. Alguns conceitos do CLG foram essenciais para estes estudos, destacamos aqui a escolha feita por Saussure da língua como objeto para a lingüística, a idéia de signo e suas principais características e os dois grandes movimentos do signo no sistema, ou seja, as relações sintagmáticas e associativas. É claro que as outras ciências, que não estavam preocupadas com o objeto língua, como a lingüística, fizeram as transformações necessárias para trabalharem seus objetos de estudo de acordo com as especificidades próprias a cada um. Tomemos apenas um exemplo: a psicanálise.

Jacques Lacan, psicanalista francês, toma conceitos da lingüística saussuriana³ para ajudá-lo no que se costuma chamar de releitura de Freud. Nesta releitura, Lacan lança a proposta do *inconsciente ser estruturado como uma linguagem*. Observe que ele não diz que o inconsciente **é uma linguagem**, o que tornaria a psicanálise e a lingüística uma mesma ciência, preocupadas com o mesmo objeto. Ele diz que há uma estrutura semelhante na linguagem (**como uma linguagem**) e no inconsciente. É exatamente este movimento teórico de Lacan, ao trabalhar o seu objeto de estudo observando o que ele tem de semelhante com a língua⁴, ou melhor, ao trabalhar o inconsciente observando nele um

³ Lacan toma explicitamente o conceito de significante, de Saussure. Entretanto, um estudo mais aprofundado faz com que compreendamos que não é só de significante que ele fala, mas de sistema, de relações sintagmáticas e associativas. Principalmente quando toma de Jakobson os conceitos de metáfora e metonímia.

movimento semelhante ao do sistema lingüístico saussuriano⁵, que se pode observar na prática do estruturalismo.

Ora, mas afinal, se o estruturalismo francês tem como base a teoria saussuriana ou (o que, neste caso vai dar no mesmo) as teorias desenvolvidas no CLG, é preciso estudá-las (as teorias), para que possamos compreender melhor o movimento que se fez tanto em torno do estruturalismo quanto na fundação da lingüística como ciência.

3. O Curso de Lingüística Geral e a noção de sistema

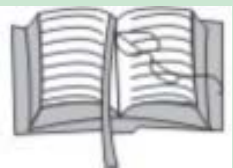
Há muitas possibilidades de leituras do CLG, eu seguirei uma que, segundo um estudioso italiano de Saussure, Tullio de Mauro (MAURO, 1995), traz o fundamental da sua teoria. Mas, saiba que esta não é uma questão fechada nem muito menos um caminho único. Há muita discussão em torno do assunto. Entretanto, como não estamos tratando aqui apenas dos estudos de Saussure, mas devemos compreender o que nestes estudos formou a base para o estruturalismo, acreditamos que a visão de Tullio de Mauro pode nos ajudar, pois trata-se exatamente do que no CLG é nuclear para a compreensão da idéia da língua como um sistema de signos.

Assim, estudaremos quatro capítulos do CLG (SAUSSURE, 1996), a saber, “Objeto da lingüística”, “Natureza do signo lingüístico”, “Relações sintagmáticas e associativas” e “Mecanismo da língua”. Vamos tentar explicar como este caminho nos leva à idéia de sistema.

Na verdade, a idéia de sistema sempre esteve presente para Saussure, em seus estudos (seja na preparação para os cursos de lingüística geral, nos estudos dos anagramas ou nas lendas germânicas). Mas, ao mesmo tempo, e de forma insistente, Saussure está relacionado a uma abordagem do signo como elemento isolado (significante/significado, arbitrariedade/linearidade).

⁴ Se você trabalhou bem na disciplina Fundamentos de Lingüística você deve estar achando estranho o fato de Lacan falar de linguagem e nós estarmos relacionando isto ao objeto da lingüística. A pergunta deve ser: mas o objeto da lingüística não é a língua? Exatamente, você tem razão. É a língua. Acontece que quando Lacan fala em linguagem ele não usa o termo com a precisão que nós o utilizamos no nosso estudo, separando-o da língua. Ele o toma por língua. Portanto, entenda que quando ele está falando de linguagem, nos termos saussurianos é de língua que se trata.

⁵ Com todas as diferenças que surgem e com todas as modificações necessárias e naturais como acontece sempre que uma ciência dialoga com outra ciência.



PARA VOCÊ: Se você estiver curioso para saber mais sobre a idéia de sistema lingüístico em Saussure, faço o convite para que você leia o meu artigo: “A língua como sistema de signos: Saussure e seu trabalho com a produção de sentidos”, que está disponibilizado na página do nosso curso, na internet.

Não vamos mais falar desta abordagem do signo como elemento isolado, por dois motivos: um primeiro é que esta discussão não se mantém quando se lê o CLG ou, pelo menos, quando não se lê do CLG apenas o capítulo sobre a natureza do signo lingüístico. O segundo motivo é, como já disse, que essa não foi a que influenciou os estudos em torno do estruturalismo. Portanto, vamos assumir, com base no autor italiano já citado (Tullio de Mauro) e em Simon Bouquet (2000) que a teoria do valor lingüístico, a que desenvolve a idéia de sistema, é o ponto principal dos estudos de Ferdinand de Saussure, um alvo para onde ele parecia caminhar ao longo da discussão que fez nos seus três cursos de lingüística geral.

Dessa forma, gostaríamos de deixar claro que nosso objetivo, com a discussão dos capítulos sugeridos, do CLG, é desenvolver a idéia de língua como um sistema de signos. Para tanto, trataremos de expor as questões colocadas em torno da língua no capítulo sobre o Objeto da lingüística, abordando a sua escolha como objeto para a lingüística e a sua relação com a linguagem e a fala. Depois, trataremos do signo e de suas características, afinal, para que ele pudesse aparecer como elemento de um sistema como a língua, foi preciso que Saussure fizesse algumas exclusões. Veremos esta discussão no capítulo sobre a natureza do signo lingüístico. Os dois últimos capítulos, finalmente, tratarão do movimento dos signos no sistema, ou seja, os capítulos sobre as relações sintagmáticas e associativas e o outro sobre o mecanismo da língua.

Então vamos lá, aceite o convite para conhecer o CLG por ele mesmo e não através das introduções ao pensamento de Saussure⁶. Leia os capítulos, questione tudo o que puder, você tem uma oportunidade ímpar de ver um pensamento que longe de estar ultrapassado, como alguns dizem, é completamente dinâmico, vivo. Eu apresentarei os

capítulos para você, mostrarei minha leitura, mas irei exigir de você um posicionamento que, é preciso insistir, só será possível se você for à fonte, ao CLG. Começemos.

3.1 Língua, linguagem, fala: a escolha do objeto

O capítulo sobre o objeto da lingüística começa com uma pergunta que Émile Benveniste, lingüista francês, considera uma das mais importantes para a lingüística: *Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto da lingüística?*

Saussure não responde diretamente à questão, mas começa tentando esclarecer sobre sua dificuldade. Dois pontos são abordados:

Primeira dificuldade: o objeto da lingüística não é dado previamente como acontece em outras disciplinas, ou melhor, outras ciências trabalham com objetos já dados que são, depois, considerados ou estudados a partir de vários pontos de vista. Na lingüística, entretanto, Saussure diz que nada disso acontece porque o objeto é resultado de um olhar, de um ponto de vista. Veja no CLG Saussure (1996, p.15) dizendo que “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”.

Vamos parar e pensar um pouco mais acerca desta dificuldade. Ela me parece importante para que possamos entender que para Saussure desde sempre está colocada a idéia de que o elemento isolado na língua não tem nenhum valor. Ele só vale, como ele vai dizer textualmente mais tarde, quando está em relação com os outros elementos da língua. Isto quer dizer que o elemento da língua (o signo lingüístico) é **resultado** de relações, **resultado** de um **sistema**, portanto, não existe a priori, não é dado previamente. Assim, podemos ver desde o início da sua discussão sobre o objeto da lingüística, Saussure mostrando a importância do sistema para a compreensão da língua.

Continuemos com a resposta de Saussure à pergunta feita no início do capítulo do CLG em questão, através das dificuldades apresentadas.

⁶ Que estão (pelo menos as que conhecemos) infinitamente aquém do dinamismo do pensamento dele, com uma exceção ao livro que já citamos aqui, de Simon Bouquet que, aliás, de introdutório não tem nada.



REFLEXÃO: qual a relação entre esta primeira dificuldade apresentada por Saussure e a pergunta que ele faz, no início do capítulo? Ou melhor, esta primeira dificuldade tem relação com a integralidade ou com a concretude do objeto? Tente explicar, justificando sua resposta.

A segunda dificuldade colocada em relação ao objeto da lingüística poder (ou não) ser ao mesmo tempo integral e concreto é muito clara. Saussure (1996, p. 15) diz que seja qual for o ponto de vista adotado para o objeto, “o fenômeno lingüístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra”. A partir desta dificuldade, ele começa a apontar como exemplo quatro tipos de dualidades que formam o fenômeno lingüístico.

Aqui vamos destacar algo pelo qual Saussure fica famoso: suas famosas dicotomias (língua/fala, sincronia/diacronia, para citar apenas duas). Porém (e são tantos os poréns), fique atento, mesmo que você encontre em manuais de lingüística a idéia de que Saussure trabalha sempre com dicotomias e sempre de forma excludente, ou seja, dos dois elementos do par um será sempre excluído (por exemplo, no par língua/fala, a fala seria excluída), na verdade, ele trabalha, como diz textualmente neste capítulo, trecho citado acima, com a dificuldade de ter um fenômeno (o lingüístico) que apresenta **perpetuamente** (palavra de Saussure) duas faces uma não valendo senão pela outra. Portanto, a integralidade do objeto da lingüística é diferente, pois contém sempre dois elementos distintos, mas que existem, juntos, em um mesmo fenômeno. Tanto que se abordarmos, como ele dirá logo a seguir, apenas uma face do objeto ela não corresponderá à sua integralidade.

Neste ponto, Saussure chega ao que parece uma grande encruzilhada nos estudos lingüísticos, ou seja, se abordarmos um lado apenas do objeto perderemos a sua integralidade, não poderemos compreendê-lo como um todo, mas, ao mesmo tempo, como este *tudo* é formado por faces diferentes, abordá-lo seria estudar um objeto que parece um aglomerado de coisas bem diferentes, sem ligação entre si.

Para sair desta encruzilhada e encontrar um caminho mais *tranquilo* para a lingüística, Saussure propõe uma solução que eu gostaria que você observasse com cuidado. Ele diz: “Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: é neces-

sário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 1996, p. 16).

Veja que ele propõe a língua como objeto de estudos da lingüística, fato que suscitará muitas críticas por ele ter deixado de lado a fala. Entretanto, leia novamente a frase e você verá que quando ele propõe a língua como objeto da lingüística ele não faz este movimento em relação à fala, mas à linguagem, pois sugere tomar a língua como uma das manifestações da linguagem, mas não uma qualquer já que servirá de *norma*, de *modelo*, para todas as outras.

Saussure, com esta solução para o objeto da lingüística, toma uma decisão teórica importantíssima, infelizmente não muito observada pelos lingüistas que se apressam em observar apenas a relação língua/fala, não atentando para o fato, abordado acima, que a primeira relação que ele faz, a que determina a constituição do objeto língua, é com a linguagem. Tal decisão mostra que os estudos de Saussure apontam para a língua não como um fim, mas como o início de uma discussão mais geral que deveria ser feita quando se pensasse na sua relação da língua com a linguagem. Tanto que ele aponta, ainda neste capítulo, como tarefa para o lingüista, “definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (SAUSSURE, 1996, p.24).

Ainda um ponto a ser destacado nesta solução pela língua: Saussure diz que devemos nos colocar **primeiramente** no terreno da língua. Veja que este lugar, primeiro, está mais uma vez ligado à relação da língua com a linguagem, pois a proposta é claramente estudar a língua, como está dito na tarefa do lingüista, para depois relacioná-la aos outros sistemas da linguagem.

De alguma forma, parece que esta proposta de Saussure, embora não muito discutida na lingüística, foi bem o que aconteceu no estruturalismo europeu. Afinal, foi tomando as reflexões desenvolvidas por Saussure para a lingüística como “norma” para o estudo de outras disciplinas, como a Antropologia, a Filosofia, a Psicanálise, que se fez o estruturalismo europeu.

Decidido que a língua deveria ser tomada como ponto de partida, Saussure passa a diferenciá-la da linguagem, justificando, de alguma forma, sua proposição, ou seja, jus-

tificando o fato de ter tomado a língua como norma para todas as outras manifestações da linguagem.



Deixarei para você, agora, mais uma tarefa: ler o texto, elencando as diferenças entre língua e linguagem e, nesta relação língua/linguagem, o lugar da Lingüística e da Semiologia.

E a famosa dicotomia língua e fala? É claro que precisamos e vamos estudá-la, mas eu espero que você já esteja pronto para compreendê-la na medida correta, ou seja, não como central para a definição do objeto da lingüística, mas como um elemento que servirá para definir melhor o lugar da língua na sua relação com a linguagem. Veja que ele aponta a fala como o lado individual da linguagem. Ou seja, a fala sendo individual ressalta, dentre outras coisas, o caráter social da língua que será insistentemente repetido neste capítulo.

Gostaria que você observasse que Saussure trará a idéia de fala pela primeira vez neste capítulo (SAUSSURE, 1996, p. 21), ao tratar da parte **física e psíquica da execução** da língua. Vale a pena repetir suas palavras: “A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos *fala (parole)*”. Desta forma, Saussure descarta, do objeto da lingüística, a parte física, a execução individual da língua. Não se trata, portanto, da fala enquanto relacionada ao social, à língua, não se trata, conseqüentemente, da exclusão do sujeito falante, mas do indivíduo.

Não nos aprofundaremos nesta discussão, por não ser objeto direto dos nossos estudos agora, mas acreditamos ser necessário levantar o questionamento, deixando para você pelo menos um espaço para reflexão.

3.2. O signo lingüístico

Então, caro aluno, vamos continuar nossa busca no sentido de compreendermos algumas noções nucleares para o pensamento de Saussure que influenciaram todo o movimento estruturalista francês? Deixe-me lembrá-lo que a frase nuclear do pensamento é:

a língua é um sistema de signos. Até agora, discutimos a noção de língua. Passemos a um outro elemento nuclear para a compreensão desta idéia de língua como um sistema: o signo lingüístico. Vamos ler o capítulo sobre a **Natureza do Signo Lingüístico**?

Este é, sem sombra de dúvidas, o capítulo mais citado de todo o Curso de Lingüística Geral (CLG). Tullio de Mauro (1995) chega a dizer (e eu concordo com ele) que há muitos que parecem ter lido apenas este capítulo e esquecido todas as outras concepções saussurianas que constam do CLG.

Por isso, não é difícil encontrar, por exemplo, autores criticando Saussure por ter feito uma lingüística da palavra e não do discurso⁷, considerando o conceito de signo como sinônimo de palavra. Duplo erro, primeiro, o conceito de signo não é sinônimo de palavra e, mais grave, a teoria de Saussure não se resume às considerações deste capítulo. Além disso, desde o famoso artigo de Emile Benveniste⁸ insistem em discutir a noção da arbitrariedade do signo como se ela estivesse completamente desvinculada de todo o resto da teoria. Mais uma vez, o erro que persiste é o de não considerar a obra como um todo.

Entendo ser esta uma questão básica que antecede qualquer outra sobre este capítulo, por isso a necessidade de apresentá-la logo no início das nossas reflexões.

O capítulo “A natureza do signo lingüístico” traz três concepções básicas para a compreensão da teoria da língua enquanto sistema, em Saussure: considerações acerca do signo lingüístico, arbitrariedade do signo e caráter linear do significante.

Em Saussure a discussão sobre a natureza do signo lingüístico está baseada fundamentalmente no questionamento da língua enquanto nomenclatura, ou seja, enquanto uma lista de termos que correspondem a tantas outras coisas.

Na edição crítica do Curso de Lingüística Geral, Tullio de Mauro, em um de seus comentários (MAURO, 1995, nota 129, p.439-440) publica, integralmente, um trecho de uma longa nota escrita pelo próprio Saussure, que teria sido apenas parcialmente adotada pelos editores do CLG. Na nota, Saussure começa dizendo que quando falamos em lín-

⁷ São muitos os exemplos, citarei apenas um: KLEIBER, Georges (1997). “Sens, référence et existence: que faire de l’extra-linguistique?”. In: LANGAGES, setembro, 1997, pp.09-37.

⁸ Cf. BENVENISTE (1988). “Natureza do signo lingüístico”. In: *Problemas de lingüística geral I*. Trad. bras. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 2ª ed. São Paulo: Pontes, pp. 53-67.

gua lembramos, sempre, de uma nomenclatura ou, melhor ainda, lembramos de um Adão bíblico, nomeando objetos, coisas. Característica que parece estar colada à noção de língua. Mas, segundo Saussure, há questões fundamentais que ficam fora desta noção.

Ele diz que é um acidente quando o signo lingüístico tem como correspondente um objeto no mundo real. O que significa dizer que esta correspondência não pode ser tomada como padrão para a língua. Ele afirma, então, que a relação que se estabelece na língua não é de nomes com objetos exteriores, mas dos nomes entre si. É bem enfático ao dizer que se a língua fosse uma mera questão de nomenclatura a lingüística deixaria de existir⁹.

Parece-nos claro, portanto, que não compreender a crítica saussuriana à concepção aristotélica da linguagem, ou seja, como dissemos, à idéia de que a língua seria uma série de termos colados a uma série de objetos, que está na base da proposta colocada no CLG, pode significar não compreender a própria teoria saussuriana.

Mais que isso, a noção de língua enquanto nomenclatura “supõe idéias completamente feitas, preexistentes às palavras” (SAUSSURE, 1996, p.79). Saussure está seguro de que as idéias não preexistem à língua. Pelo contrário, sem a língua elas são nebulosas, sem delimitação. Aliás, nem idéia nem som, nem significado nem significante preexistem à língua, eles são produtos dela, são produtos do sistema. Por isso é que estamos enfatizando algo que é de suma importância para Saussure: são as relações que se estabelecem no interior do sistema lingüístico que interessam especificamente à lingüística ou, ainda, é a língua enquanto sistema de signos que é objeto de estudo da ciência lingüística. Neste sentido, não é demais repetir as palavras do mestre genebrino: “a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema lingüístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema” (SAUSSURE, op. cit., p.139).

Portanto, longe de ser uma nomenclatura, a língua é um sistema de signos. Mas, afinal, o que é um signo lingüístico? O próprio Saussure explica (op. cit., p. 80): “O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Mais adiante, Saussure trocará conceito por significado e imagem acústica por significante.

⁹ Segundo ele, “Se um objeto pudesse, onde quer que seja, ser o termo sob o qual o signo está fixado, a lingüística deixaria instantaneamente de ser o que é” (SAUSSURE1, op. cit: p.440).

Tullio de Mauro alerta (MAURO, 1995, nota 130) para o fato de nesta definição de signo Saussure parecer estar usando signo por nome, ou melhor, uma entidade menor que a frase, mas ressalta que o mesmo Saussure, no próprio CLG, em outro lugar, usa signo como sinônimo de massas organizadas, grupos de signos, ou seja, visivelmente fazendo referência a uma unidade maior que a frase. Lembra, na mesma nota, que Robert Godel diz que signo pode servir muito bem a toda entidade lingüística, isto é, fonema, sintagma, proposição, frase. Portanto, não se pode dizer, como alertamos mais acima, que Saussure tenha trabalhado uma lingüística da palavra.

Afastada a idéia do signo enquanto nomenclatura, esclarecidos os dois elementos que formam o signo, Saussure passa a falar de duas características essenciais do signo, lembrando que ao falar delas estará, na verdade, propondo os princípios, as bases de todo estudo dessa ordem. Esta lembrança que faz Saussure é de suma importância pois, na minha compreensão, demonstra uma questão a que fiz referência antes e que considero primordial nos seus conceitos, ou seja, a relação estreita que eles têm uns com os outros. É por isso que eu disse que não se pode ler seus conceitos senão como uma totalidade.

O primeiro princípio anunciado é o da arbitrariedade do signo lingüístico. Segundo Saussure (op. cit, p. 81-82), os laços que unem significante e significado são arbitrários e, como o signo é o resultado da união entre significante e significado, resulta que podemos dizer que o signo lingüístico é arbitrário. Saussure dá dois exemplos deste princípio. No primeiro, diz que a idéia de “mar” não está ligada por relação interior alguma à seqüência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante. Ela poderia ser representada igualmente bem por qualquer outra seqüência. Até aí, tudo bem, reconhece-se, sem problemas, o princípio que está sendo enunciado: os dois elementos do signo não estão ligados por nada exterior, o que está completamente de acordo com a primeira questão colocada no capítulo, isto é, a crítica à noção de língua como nomenclatura. Dizendo mais claramente, para que a língua deixe de ser considerada uma nomenclatura é fundamental que os elementos que fazem parte dela estejam ligados uns aos outros por uma relação arbitrária. Entretanto, a continuidade do exemplo constituiu-se em uma falha grave de Saussure. Ao fazer comparação entre as línguas, ele afirma que “o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-*

s (Ochs) do outro” (op. cit., p. 82). Todos os estudiosos reconhecem que aí, com esse exemplo, Saussure escorrega para um conceito que é criticado em todo o CLG e, como sabemos, acabou de ser criticado por ele aqui: o de língua como nomenclatura. Muitos lingüistas passaram anos discutindo esta mesma questão esquecendo, como eu disse anteriormente, todas as outras discussões saussurianas.

Ler apenas este descuido de Saussure, na hora de demonstrar, com exemplos, a arbitrariedade do signo lingüístico e, o que é pior, insistir que, com isso, Saussure tenha recuperado a concepção de língua como nomenclatura é desconhecer todo o resto da sua obra que é, toda ela, um combate a esta concepção.

Não procurarei, como alguns fazem (o próprio Tullio de Mauro, na nota 137), remediar ou explicar o erro de Saussure. Até mesmo porque acredito, como acabei de dizer, que um simples exemplo não pode desfazer toda a consistência de uma teoria que só pode ser compreendida, volto a insistir, se vista como um todo.

Para conhecer algumas críticas feitas à noção de arbitrário em Saussure, remeto o leitor à longa nota 138, de Tullio de Mauro.

Ainda sobre a arbitrariedade do signo lingüístico, Saussure faz uma observação importante ao dizer que este princípio não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala. Ele explica (op. cit., p. 83): “queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.” (grifo do autor) Nessa explicação, Saussure traz uma questão que será melhor desenvolvida quando da discussão sobre a questão do tempo diacrônico e do tempo sincrônico, ou seja, a de que o indivíduo, sozinho, não pode modificar nada na língua. As modificações dependem da coletividade.

Finalmente, o capítulo traz a questão da linearidade do significante. Ou seja, o significante desenvolve-se no tempo e, sendo assim, tem duas características que toma do tempo: 1) representa uma extensão, 2) essa extensão é uma linha.

Como diz o próprio Saussure, este princípio é evidente, parece simples e até desnecessário de ser enunciado, mas será fundamental para duas noções que serão desenvolvidas depois, no CLG: a de sincronia e de relações sintagmáticas. Por isso, Saussure fez questão de enunciá-lo mesmo podendo parecer extremamente óbvio.

Bem, espero que você tenha compreendido, da leitura deste capítulo do CLG, algumas questões fundamentais: 1) a discussão em torno da noção (criticada por Saussure) de língua enquanto nomenclatura que é básica para que a língua seja um **sistema de signos**. 2) Os elementos que constituem o **signo: significado e significante** e, por fim, 3) As duas características do signo lingüístico: **arbitrariedade** e **linearidade**.

PARA VOCÊ: faça um resumo, destacando o signo lingüístico e suas duas características.



3.3. As relações que os signos estabelecem no sistema

Continuando com a nossa proposta de leitura de alguns capítulos do CLG, para a compreensão do postulado saussuriano de que **a língua é um sistema de signos**, vamos à leitura do capítulo sobre as **relações sintagmáticas e associativas**. Mesmo correndo o risco de ser repetitiva, vou lembrar que vimos Saussure discutir a questão da **língua** no capítulo sobre o **Objeto da lingüística**. No capítulo anterior, sobre **a natureza do signo lingüístico**, discutimos o elemento do sistema que é o **signo**. Agora, passaremos a discutir, através deste (relações sintagmáticas e relações associativas) e do próximo capítulo do CLG (Mecanismo da língua), o sistema em si, ou seja, as relações que os signos matêm uns com os outros dentro do sistema.

Partindo, pois, do princípio de que “tudo na língua se baseia em relações”, Saussure começa sua reflexão sobre as relações que se estabelecem na língua, afirmando que as *diferenças e relações* entre termos lingüísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores. Um primeiro tipo de relação é aquele em que os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Por isso, os signos se alinham um após o outro na cadeia da fala (Saussure, 1996, p. 142). São as relações sintagmáticas. Relações opositivas, na presença. Dizemos: “Hoje estou pensando em sair, passear”, encadeando uma palavra após a outra de acordo com regras próprias ao sistema da nossa língua portuguesa. É claro que

quando falo em regras, aqui, não estou fazendo referência às regras gramaticais, mas sim a um sistema no qual todos nós, falantes da língua, letrados ou não, estamos inseridos. De tal forma que seria difícil ouvir alguém fazer a seguinte sequência: “hoje em estou pensando sair passear”.

O outro tipo de relação que os termos estabelecem entre si na língua é a relação associativa ou paradigmática. Veja a definição que Saussure dá: “fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (Saussure, *idem*, p.143). Assim, quando, por exemplo, dizemos a palavra “escola”, poderá vir a nossa mente palavras como: professora, alunos, diretora, cadeiras, quadro-negro, livros, giz, em uma série que se agrupa não na linearidade, como é o caso das relações sintagmáticas, uma após a outra, mas na memória do sujeito falante.

As relações associativas podem ser de diversos tipos, sendo infinitas as possibilidades de agrupamento, na memória, por semelhança.

As duas relações são diferentes, produzindo o que Saussure chama de valores diferentes.



PARA VOCÊ: Leia o capítulo do CLG, sobre as relações sintagmáticas e associativas e observe quais as diferenças entre as duas relações.

Quero ainda discutir algo com você sobre as relações apresentadas acima.

Se a relação associativa une termos na ausência, podemos dizer que cada signo falado por nós é como se fosse um elemento que acumula, em uma espécie de condensação, todo um agrupamento de outros signos que poderiam ter acontecido no mesmo lugar onde falei o termo que permanece na cadeia sintagmática. Assim, é preciso pensar que quando falo um termo, embora haja uma escolha, uma espécie de apagamento momentâneo de tantas outras possibilidades, algo sempre permanecerá, como se estivesse “pendurado” naquele signo, já que existem termos que a ele se assemelham em uma espécie de “memória”, de “tesouro da língua”, como diz o próprio Saussure.

Já do lado da relação sintagmática, diríamos que ela funciona como restritiva, limitadora da relação associativa, em uma espécie de silenciamento constitutivo do pró-

prio movimento da língua, necessário para que a linha do discurso apareça, para que possamos falar. Afinal, imagine se você falasse sem a limitação do sintagma. O que aconteceria? Imagine falar tudo que vem à sua mente, sem uma seqüência, apenas relacionando coisas que são semelhantes para você? Isto só é eficiente se você estiver em uma sessão de análise. Não é a toa que Freud dizia a seus pacientes para falarem tudo que viesse à mente, sem limitar ou, pensando no que estamos estudando, como se pudessemos falar fazendo relações associativas e deixando as sintagmáticas de lado.

Voltando ao que falamos sobre o silêncio a que a relação associativa está sujeita, é preciso dizer que embora não possamos “falar” através de relações associativas, elas permanecem fazendo parte do sistema da língua o que nos leva a pensar que os signos que aparecem no sintagma, que são falados na linearidade, estão sempre *plenos* de outros signos que poderiam estar naquele mesmo lugar e que, em momentos, por exemplo, quando dizemos algo que “escapa”, “não era bem isto que gostaria de dizer”, a relação associativa rompe o silêncio imposto e se apresenta como uma multiplicidade na linearidade.

Esta concepção de sistema lingüístico de Saussure é muito rica se observarmos as duas relações em funcionamento, pois, se por um lado temos uma relação “limitada”, restrita pelas regras do social, da língua, por outro temos uma possibilidade ilimitada que envolve o sujeito falante diretamente, o lado da “liberdade individual”. Ambas relações existindo, concomitantemente, permite que se pense que a língua tem dois movimentos que são diferentes, mas que funcionam juntos: um que restringe os sentidos e o outro que abre possibilidades infinitas de outros sentidos, além do que está na linearidade, serem produzidos.

3.4. A dialética das relações sintagmáticas e associativas

O que parece acontecer com frequência, nas leituras que são feitas de Saussure, é o esquecimento da relação associativa e a insistência em considerar o sistema lingüístico apenas no que diz respeito às relações que acontecem na cadeia sintagmática. O que significa, entre outras coisas, perder de vista que a *presença* que se observa nestas relações, como foi dito, guarda, sempre, algo da *ausência* da relação associativa. Então,

perde-se, na verdade, a concepção de sistema pensada por Saussure já que nele as duas relações, como veremos melhor mais adiante, são inseparáveis. Mais que isto, perde-se de vista uma questão fundamental: a produção de sentidos não é composta apenas pela linearidade do sintagma. Por isto mesmo acho fundamental que você leia agora o capítulo sobre o *Mecanismo da Língua*, do CLG, pois, nele, Saussure vai mostrar que as duas relações, embora diferentes, como acabamos de ver, estão, ambas, presentes no mecanismo da língua.

Neste capítulo, Saussure, primeiro, volta a falar de cada mecanismo (cada relação – sintagmática e associativa) em particular para, depois, colocar com mais clareza a relação entre os dois, descrevendo-a como um funcionamento simultâneo. Ele diz (SAUSSURE, 1996, p. 149) que existe um vínculo de interdependência entre os dois mecanismos de tal forma que eles se condicionam reciprocamente. Melhor dizendo, a relação sintagmática contribui para criar a relação associativa e esta, por sua vez, é necessária para a análise das partes do sintagma. Acho que mais claro do que isso impossível. Vale a pena repetir: os dois mecanismos são diferentes, mas se relacionam de tal forma, juntos, na língua, que um depende do outro.

Saussure diz que temos uma “memória” com todos os tipos de sintagmas e que, quando precisamos empregá-los, fazemos intervir grupos associativos para fixar nossa escolha. Trata-se, ao mesmo tempo, de um procedimento de fixação e de escolha, em uma operação que “consiste em eliminar mentalmente tudo quanto não conduza à diferenciação requerida no ponto requerido” (SAUSSURE, idem, p.151), na qual os agrupamentos associativos e os tipos sintagmáticos estão ambos em jogo. Parece-nos, então, que o mecanismo assim descrito, das relações sintagmáticas e paradigmáticas, indica uma certa organização nas relações associativas e a possibilidade de que algo desta relação possa ser recuperado na análise de um segmento. Além disso, vemos, mais uma vez, que as relações associativas e sintagmáticas acontecem juntas em um sistema lingüístico e que ambas participam do processo de “seleção”, de restrição do elemento lingüístico na cadeia associativa. Portanto, um elemento ao ser escolhido, dentre outros, na memória da língua, passa pela restrição dos grupos associativos, como o diz Saussure e, também, pela restrição da cadeia sintagmática onde estará em relação opositiva com outros elementos

da língua. Saussure deixa esse ponto bem claro quando diz que os elementos lingüísticos serão escolhidos ao cabo de uma operação mental dupla: uma de oposição sintagmática e outra de oposição associativa.

Parece-nos que com Saussure e a noção de valor lingüístico, de relações sintagmáticas e associativas, aprendemos que o mecanismo do sistema lingüístico implica sempre, constitutivamente, um processo de escolha, de limite, claramente presente na cadeia sintagmática. Entretanto, estamos insistindo que pelo fato de uma palavra, por exemplo, ter sido escolhida entre outras em um paradigma e estar presente no sintagma, ela pode, a todo instante, suscitar, chamar ou lembrar uma outra palavra da cadeia associativa da qual foi retirada. Assim sendo, o mecanismo da língua permite que se possa sempre recuperar algo de uma relação virtual (associativa), presente em um sintagma.

Passemos agora a segunda parte da disciplina em que abordaremos a Teoria Gerativa.

4. Teoria Gerativa: O surgimento

Se em alguns movimentos teóricos não conseguimos com precisão eleger o pesquisador que seja responsável pelo seu surgimento, no caso da teoria gerativa é fácil e unânime essa escolha, o nome é Noam Chomsky. São as idéias desse jovem lingüista na década de cinquenta (1950) que vão mudar a história da Lingüística moderna. Junto com a retomada de pressupostos filosóficos anteriores e com a extrema capacidade de sintetizá-los de forma conjunta e original, aliado ainda à formalização das ciências matemáticas e da sua grande capacidade argumentativa, é que Chomsky consegue apontar os problemas dos modelos vigentes a época, indicando novos caminhos.

Enquanto os modelos vigentes, tanto do estruturalismo na lingüística, quanto do behaviorismo na psicologia, tinham como foco de análise o produto lingüístico e sua relação com o meio ambiente, Chomsky internaliza o conceito de linguagem e mostra o quanto é importante se entender o aparato cognitivo individual do ser humano que é capaz de produzir e compreender linguagem verbal sem precisar de aprendizado, ou seja, entendendo a linguagem como uma capacidade inata do ser humano e que, portanto, merece ser objeto de estudo da Lingüística.

Antes de entendermos os conceitos básicos da Teoria Gerativa, vamos entender em que contexto científico ela surge e toma fôlego. Os anos eram os da década de 1950, quando uma série de descobertas e interesses científicos convergiam para uma mesma meta: responder questões antigas relacionadas à natureza do conhecimento (basicamente humano), à sua composição, à maneira como ele se origina e se desenvolve, além de como esse conhecimento é empregado. É dentro dessa ebulição científica denominada mais recentemente de Revolução Cognitiva que as idéias de Chomsky aparecem com toda a força na Lingüística, que, aliada a outras áreas como a Psicologia, a Inteligência Artificial (em seu nascedouro), a Neurociência, a Antropologia e a Filosofia, vai dar forma ao campo das Ciências Cognitivas.

O papel da teoria gerativa nesse contexto é o de, pela primeira vez, conseguir evidenciar o que outros já haviam postulado, de que a linguagem pode ser formalizada com rigor matemático no que se refere à sua complexidade estrutural básica, por isso a sintaxe vai estar no centro do modelo chomskyano, pois a partir das regras ou princípios da sintaxe, as línguas são capazes de se estruturar hierarquicamente.

Para que fique mais clara a relevância da teoria gerativa no surgimento das Ciências Cognitivas, reporto agora as palavras de Howard Gardner em seu livro “A nova ciência da mente” em que explicita de forma detalhada o nascimento das Ciências Cognitivas e a importância das idéias de Chomsky nesse contexto:

5. A abordagem gerativa da linguagem

Seguiremos agora um percurso que tem como objetivo permitir a você assimilar os conceitos básicos da teoria gerativa. Começaremos do ponto que já mencionamos como sendo um passo a diante na história da lingüística e que permitiu que ela compusesse a lista das ciências cognitivas: a linguagem sendo interna ao indivíduo. O que isso quer dizer exatamente? Quer dizer que enquanto outras correntes tentavam entender como as línguas se organizam, olhando apenas para os dados lingüísticos produzidos pelos indivíduos (palavras, sentenças, textos, etc.), a teoria gerativa está interessada justamente na capaci-

dade contida nos indivíduos que permite a geração desses dados. Daí surge o conceito de **Faculdade da Linguagem** que é uma espécie de órgão mental que vai conter essa capacidade que o ser humano tem de, com recursos finitos, gerar infinitas frases sintaticamente bem construídas sem nenhum aprendizado específico para isso. Esse conhecimento inato sobre a linguagem vai ser o objeto de estudo central da teoria gerativa.

Antes de entrar no âmago das contribuições de Chomsky, talvez seja bom falar um pouco sobre o foco deste capítulo. Embora o trabalho de outros estudiosos fosse central em outros capítulos deste livro, em nenhum deles tanta atenção foi concentrada em um único indivíduo. Em parte, isto é um recurso de exposição – uma maneira de apresentar as principais (e geralmente complicadas) idéias da lingüística moderna do modo mais acessível possível. Mas também, em nenhuma outra ciência cognitiva contemporânea o trabalho de um único indivíduo é tão fundamental e tão insubstituível. Em um sentido não trivial, a história da lingüística moderna é a história das idéias de Chomsky e das diversas reações a elas por parte da comunidade. (Howard Gardner, 1985 (versão em português 2003), p. 200).

Ainda com base nessa idéia é que a teoria gerativa cria a dicotomia **Competência** e **Desempenho**, em que a noção de desempenho se aproxima muito do conceito de “*parole*” (fala) explicitado por Saussure, isto é, diz respeito ao uso concreto da linguagem pelos indivíduos, já a noção de competência tem diferenças cruciais em relação ao conceito saussuriano de “*langue*” (língua), pois enquanto para Saussure, a “*langue*” se constrói como sistema a partir do social, a competência para Chomsky é o conhecimento inconsciente das regras básicas estruturais que vem embutido na faculdade da linguagem de forma inata.

Palavras de CHOMSKY:

“A faculdade de linguagem pode razoavelmente ser considerada como “um órgão lingüístico” no mesmo sentido em que na ciência se fala, como órgãos do corpo, em sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório. Compreendido deste modo, um órgão não é alguma coisa que possa ser removida do corpo deixando intacto todo o resto. Um órgão é um subsistema que é parte de uma estrutura mais complexa.”

“Nós temos a esperança de compreender a complexidade do todo em sua plenitude através da investigação das partes que têm características distintas, e das interações entre elas. Do mesmo modo procede o estudo da faculdade de linguagem.”

“Assumimos ainda que o órgão da linguagem é como outros órgãos no sentido de que seu caráter fundamental é uma expressão dos gens. De que maneira se dá isto é uma pergunta que permanece sendo um projeto de investigação a longo prazo, porém, por outros meios, podemos investigar o “estado inicial” geneticamente determinado. Evidentemente, cada língua é o resultado da interação de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Podemos conceber o estado inicial como um “mecanismo de aquisição de linguagem” que recebe como dados de entrada (*input*) a experiência, e fornece como saída (*output*) a língua — saída esta que constitui um objeto internamente representado na mente/cérebro. Tanto a entrada quanto a saída estão à nossa disposição para serem examinadas: podemos estudar o transcorrer da experiência e podemos estudar as propriedades das línguas que são adquiridas. O que aprendemos assim fazendo pode nos dizer muita coisa a respeito do estado inicial, intermediário entre a entrada dos dados e a língua pronta.”
(DELTA v.13 n.especial São Paulo 1997)



ATENÇÃO! Para consulta aos textos e entrevistas completos de Noam Chomsky na visita ao Brasil, acesse o link da revista DELTA a seguir:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-445019970003&lng=pt&nrm=iso

Que essa capacidade é interna ao indivíduo, podemos facilmente entender com o seguinte exemplo: se a capacidade de falar uma ou mais línguas surgisse apenas por conta do ambiente externo ao indivíduo, como pensavam os behavioristas, por exemplo, se

colocássemos um chimpanzé, ou um gato, ou um papagaio convivendo desde que nascesse no mesmo ambiente lingüístico e social que uma criança, todos eles em algum momento estariam falando, entretanto não é isso que acontece, por quê? Porque, de fato, existe algum componente ou alguns componentes de que crianças são dotadas, que permitem que elas falem em relativamente pouco tempo, componentes esses que não parecem estar presentes em nenhuma outra espécie animal.

Seguindo o fio de raciocínio, vamos entender agora o conceito de **inatismo**, que diz respeito a essa capacidade da linguagem ser uma predisposição genética da espécie humana e, portanto, já estar presente no indivíduo desde seu nascimento. O senso comum discorda dessa afirmação, porque se tem em mente que as crianças aprendem a falar a partir da imitação da fala de seus pais. Pois bem, vamos tentar mostrar que esse senso comum está equivocado.

O senso comum poderia dizer: se as crianças tivessem a capacidade inata de falar, já nasceriam falando e não esperariam alguns anos para isso. Isso não é suficiente para mostrar que a capacidade de adquirir uma ou mais línguas não é inata, pois essa afirmação poderia ser análoga em relação a um filhote de águia que acabou de nascer em seu ninho no alto de um penhasco e que não saiu voando de lá logo que nasceu, esse filhote também vai ter que esperar um tempo para que consiga voar, entretanto não acreditamos que alguém, mesmo utilizando o senso comum, vá dizer que a águia não nasça predisposta geneticamente a voar.

O que acontece é que há um período de maturação que tanto a águia tem que passar para voar, quanto o bebezinho humano tem que passar para falar. Esse período de maturação é natural a qualquer sistema biológico. Pensemos em outras capacidades do ser humano, por exemplo, a capacidade visual, ela tem também um período de maturação, lá pelo quarto mês é que a criança consegue ver de forma integral utilizando as capacidades fisiológicas de seu aparato visual. O próprio crescimento é programado geneticamente e acontece de forma maturacional, o indivíduo só chega à puberdade, à fase adulta, e à velhice porque de alguma forma é predisposto a isso desde seu nascimento.

Outro aspecto que o senso comum vai insistir é: a criança só consegue falar porque imita seus pais. Essa afirmação também é equivocada, é óbvio que o ambiente lingüístico

ao qual a criança é exposta tem um papel, mas se esse papel fosse tão representativo assim em termos da sua competência lingüística, porque em culturas tão diferentes e em sociedades tão distintas as crianças adquirem a linguagem falada em um patamar estável mais ou menos no mesmo período (entre 2,0 e 3,0 anos de idade) e exatamente seguindo o mesmo caminho maturacional? Isso ocorre porque, como outros órgãos do corpo humano, a linguagem sofre influência do meio ambiente, mas se desenvolve a partir de características inatas, independentes da sociedade e da cultura em que o indivíduo nasce e cresce.

Outra evidência disso é que as crianças falam muitas frases que nunca ouviram. Aqui é importante frisarmos que não estamos falando de vocabulário, esse é, sem dúvida, aprendido, mas estamos falando da capacidade de estruturar sentenças e frases, nesse sentido é que crianças produzem frases ou estruturas sintáticas que ainda não ouviram, até porque existem possibilidades infinitas de estruturação. Um exemplo dessa capacidade criativa em termos da linguagem é de quando as crianças generalizam determinadas regras do português e produzem para verbos irregulares como “saber” e “fazer” as seguintes frases “eu sabo” ou “eu fazi” baseadas na estruturação dos verbos regulares. Um papagaio nunca faria isso.

Relacionado a esse tipo de consideração, temos ainda o argumento conhecido como “pobreza de estímulo ou problema de Platão”, que aborda a seguinte questão: como as crianças podem saber tanto com tão poucas e tão pobres informações a respeito dos dados lingüísticos? Ou seja, como as crianças que estão adquirindo a linguagem verbal podem tão rapidamente lidar com questões bastante complexas em termos lingüísticos, se em nenhum momento há uma interferência precisa e específica dos pais ou de quem as rodeia. Por exemplo, em pouco tempo a criança não só adquire a compreensão do sistema pronominal do português, como também sabe que se alguém diz **João amarrou ele na cadeira**, **João** não pode ser o referente do pronome **ele**, já se alguém diz **O irmão de João amarrou ele na cadeira**, com a mesma facilidade, qualquer falante nativo do português (criança ou não) identificará a possibilidade desse **ele** ter como referente **o João**. Ninguém ensinou que isso acontece por uma questão estrutural bastante complexa, mas mesmo assim os falantes compreendem e produzem frases desse tipo com muita naturali-

dade, isso pode ser explicado se consideramos que essas regras básicas estruturais já estão embutidas em nossa mente, por isso somos competentes para lidar com essas e várias outras frases.

O senso comum vai contra-atacar: mas se a criança nasce no Japão vai falar japonês, se ela nasce no Brasil vai falar português. Perfeito, isso é uma amostra que o papel do ambiente vai ser importante para, por exemplo, delinear qual língua particular a criança vai adquirir e quais os parâmetros são os pertinentes para aquela língua específica, mas isso não é uma evidência de que a competência lingüística não é inata, pois independente da língua particular que a criança é exposta ela vai seguir determinados princípios que são universais.

Analogamente, poderíamos pensar que uma rosa que nasce em um determinado solo e cresce ali com determinadas características de temperatura vai ter determinadas características físicas, se ela nascesse em outro solo com características diferentes e crescesse com temperaturas também distintas, ela possivelmente teria como resultado características físicas também distintas: a cor de suas pétalas ou o formato de seu caule, mas o importante é que nunca deixaria de ser uma rosa, ou seja, determinados parâmetros das características da rosa podem mudar, mas os princípios genéticos da constituição da rosa estarão lá intocáveis. Sendo assim, se transferimos um bebê que nasceu no Japão para o EUA e ele adquire o inglês é porque os princípios codificados geneticamente se mantêm permitindo que, tanto em um ambiente como em outro, a linguagem se desenvolva.

Essa é a idéia que dá origem aos conceitos de **Princípios e Parâmetros** na teoria gerativa, que surgem para dar conta do que poderia ser um paradoxo, o caráter universal das línguas e ao mesmo tempo da diversidade lingüística em termos de línguas particulares, é nessa tensão, na verdade, que se constrói o modelo gerativo para a linguagem.

A analogia utilizada geralmente é a de uma caixa de disjuntores com toda a sua fiação, os disjuntores seriam os princípios e a maneira como esses disjuntores (ou princípios) serão acionados dará origem aos parâmetros específicos daquela língua em particular. **A Gramática Universal (GU)** é onde esses princípios e esses parâmetros estão codificados e à medida que os parâmetros vão sendo identificados e fixados pelo ambiente lingüístico é que as **gramáticas das línguas** vão se estabilizando.

A partir dessa conceituação de linguagem e de gramática, a abordagem gerativa vai centralizar o seu estudo e a sua análise em um modelo que busca entender como se estrutura o conhecimento lingüístico (Competência lingüística) que é inato e predeterminado biologicamente. A análise gerativa busca, focalizando a estrutura sentencial, não só descrever as línguas (adequação descritiva), como também explicar quais são os princípios que regem a estruturação dessas línguas (adequação explicativa).



REFLEXÃO: Queremos deixar claro aqui que a abordagem gerativa, como qualquer abordagem científica, focaliza o fenômeno da linguagem humana a partir de uma perspectiva particular, no caso específico, de uma perspectiva cognitiva que quer entender quais características biológicas individuais do ser humano possibilitam ele falar uma língua, entretanto isso não quer dizer que não existam outras perspectivas a serem investigadas e, muito menos, que elas não possam trazer conhecimento relevante sobre o fenômeno lingüístico. Esse adendo é importante porque, muitas vezes, há um equívoco comum de se achar, talvez pela veemência argumentativa de alguns pesquisadores das várias perspectivas, que a teoria gerativa se proclama a única perspectiva possível e de que essas várias abordagens são excludentes, quando nos parece que, apesar de possíveis pontos de embate, em muitos aspectos, elas podem ser complementares.

Palavras de CHOMSKY: “deveríamos colocar com maior clareza o que entendemos por ‘uma língua’. Tem havido muita controvérsia apaixonada a respeito da resposta correta para esta pergunta, e, de maneira mais geral, para a pergunta sobre como deveriam ser estudadas as línguas. A controvérsia não tem razão de ser, porque a resposta correta não existe. Se tivermos interesse em compreender como se comunicam as abelhas, tentaremos apreender algo sobre a natureza interna das abelhas, suas organizações sociais, e seu meio ambiente físico. Estas abordagens não são conflitantes; são reciprocamente comprovantes. O mesmo se dá com o estudo da linguagem humana: pode ser investigado de um ponto de vista biológico, e de inúmeros outros: o sócio-lingüístico, o de língua e cultura, o histórico e assim por diante. Cada uma dessas abordagens define o objeto de sua investigação sob a luz de seus próprios interesses; e, se for racional, cada uma tentará apreender o que puder do que vem das outras abordagens. Por que razão estas são matérias que despertam muita paixão no estudo dos seres humanos seja talvez uma pergunta interessante, mas por ora vou pô-la de lado.” (DELTA v.13 n.especial São Paulo 1997)

AGORA É A SUA VEZ:

Os conceitos tratados de maneira breve até aqui merecem uma exploração mais detalhada, para isso apontamos os seguintes passos:

a) Leia o capítulo 1 e o capítulo 2 do livro *O instinto da linguagem* (2002) de Steven Pinker em que há uma argumentação bastante interessante sobre esses conceitos. Identifique os argumentos utilizados por Pinker para mostrar que o senso comum está equivocado em relação à linguagem humana e os liste explicitando cada um deles.

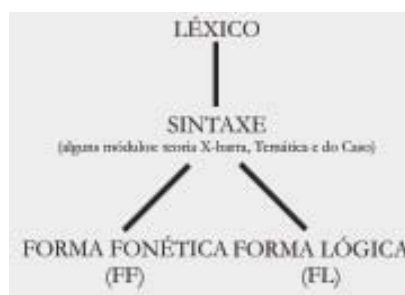
b) Leia o capítulo sobre Gerativismo de Eduardo Kenedy, do livro *Manual de Lingüística* (2008), organizado por Mario Martelotta e elabore um resumo com os pontos principais abordados.



6. O modelo de princípios e parâmetros

Falamos, de forma breve, sobre os conceitos básicos relacionados à abordagem gerativa, nessa seção exporemos como o modelo gerativo se configura em uma de suas versões clássicas que é o modelo de Princípios e Parâmetros, também conhecido como modelo de Regência e Ligação. Para nós, o nome não interessa muito, o que queremos mostrar é como o modelo gerativo, baseado nos conceitos e no raciocínio já exposto anteriormente, tenta dar conta de como as línguas se estruturam em geral, e, especialmente, como esse modelo explica a estruturação da língua portuguesa no escopo da sentença.

Para chegarmos a uma descrição resumida do modelo gerativo de Princípios e Parâmetros, antes ainda precisamos explicitar porque o nível sintático é central no modelo, para posteriormente explorarmos alguns dos vários módulos que o compõem. Com a representação básica abaixo temos uma noção de como o modelo se configura em relação aos vários níveis lingüísticos.



Para o modelo gerativo, a forma ou os princípios que regulam as possibilidades de estruturação de uma sentença são inatos, como já vimos, e fazem parte da competência lingüística dos indivíduos. A sintaxe é o nível lingüístico em que estão codificados esses princípios organizadores da estrutura sentencial e ocupa o centro do diagrama acima.

A idéia para a geração de uma sentença é a seguinte, o léxico (espécie de dicionário mental), que é aprendido a partir de cada língua particular, forneceria as palavras com que construímos as sentenças, dessa forma, a partir da escolha das palavras do léxico a sintaxe vai dizer quais as possibilidades de estruturação e, em seguida, envia informação para a interface Forma Lógica que se relaciona aos conceitos (significado) e para interface Forma Fonética que se relaciona com a forma que vai ser expressa. A sintaxe é a mediadora entre forma e sentido.

Outro ponto que temos que entender é que as sentenças de uma língua não são formadas por palavras uma ao lado da outra de forma linear como aparenta, ou seja, a impressão que se tem é de que são como pedras em um colar, mas, na verdade, seguem uma rígida hierarquia de elementos que são mais abrangentes que as palavras e menos abrangentes que as sentenças. Esses elementos representam níveis intermediários na organização de uma sentença, são chamados de constituintes (posteriormente sintagmas) e se organizam a partir de um núcleo. Vamos entender melhor através dos exemplos a seguir:

- (1) O menino comprou o cachorro na loja de animais.
- (2) *O comprou menino o loja de na animais cachorro.
- (3) *Animais o menino comprou o cachorro na loja de.
- (4) *De animais o menino comprou o cachorro na loja.
- (5) Na loja de animais o menino comprou o cachorro.

No exemplo (1), temos aparentemente a palavra “O” seguida da palavra “menino”, seguida da palavra “comprou” e assim por diante, mas se prestarmos atenção e utilizarmos nossa intuição de falantes nativos do português, vamos notar algumas coisas interessantes, a primeira delas é que nenhuma sentença é igual a soma das palavras que a compõem, pois se assim fosse qualquer combinação com as mesmas palavras seria possível, mas

como percebemos em (2) isso não é verdade, temos exatamente as mesmas palavras, mas não formamos uma sentença possível em português¹⁰. Além disso, notamos com os exemplos (3, 4 e 5), em que há deslocamento de alguns elementos, que existem palavras que têm que estar juntas formando um bloco ou constituinte para que a sentença seja boa em português, no exemplo (3), só a palavra “animais” é deslocada e o resultado não é uma sentença do português, no exemplo (4), mesmo com a preposição “de” se deslocando junto com “animais”, o resultado ainda não é bom, já ao deslocarmos o constituinte inteiro “na loja de animais”, percebemos que temos uma sentença possível.

Deslocando as palavras ou grupo de palavras vamos percebendo quais são os constituintes que formam a sentença. No caso desses exemplos, teríamos uma estrutura com os maiores constituintes que compõem a sentença (também chamados de **constituintes imediatos**) conforme a configuração entre colchetes (6) a seguir:

(6) [O menino] [comprou [o cachorro] [na loja de animais]].

Teríamos o constituinte [O menino] e o constituinte [comprou um cachorro na loja de animais] que correspondem ao que tradicionalmente chamamos de sujeito e predicado. Dentro do predicado verbal ainda temos os constituintes [um cachorro] e [na loja de animais]. Já vimos, através do teste do deslocamento de elementos para o início da sentença, também chamado de **topicalização**, que os elementos [na loja de animais] formam um constituinte já que seus elementos não podem ser deslocados separadamente, podemos fazer o mesmo teste com os outros constituintes.

(7) [O cachorro] o menino comprou na loja de animais.

(8) [Comprou o cachorro na loja de animais] o menino.

Existem outros testes que, assim como a topicalização, permitem observarmos a configuração estrutural de constituintes de uma sentença. Mostraremos mais alguns deles:

¹⁰ O asterisco (*) antes das sentenças indica que elas não são possíveis em português.

- **Clivagem:** envolve também deslocamento, mas não para o início da sentença e sim para o espaço entre o **verbo ser** e o conectivo **que** em sentenças do seguinte tipo.

(9) Foi [o menino] que comprou o cachorro na loja de animais.

(10) Foi [na loja de animais] que o menino comprou o cachorro.

(11) Foi [o cachorro] que o menino comprou na loja de animais.

- **Interrogação:** envolve perguntas em que as respostas são exatamente os constituintes da sentença.

(12) O que o menino comprou na loja de animais?

[O cachorro]

(13) Onde o menino comprou o cachorro?

[na loja de animais]

(14) Quem comprou o cachorro na loja de animais?

[O menino]

(15) O que fez o menino?

[comprou o cachorro na loja de animais]

- **Pronominalização:** envolve o uso de formas pronominais que substituam exatamente os constituintes da sentença.

(16) **Ele** comprou o cachorro na loja de animais. (Ele = O menino)

(17) O menino **o** comprou na loja de animais. (o = o cachorro)

(18) O menino comprou o cachorro **lá**. (lá = na loja de animais)

Esses foram breves exemplos de testes que podem ajudar a identificar constituintes de uma sentença, embora nem todos os testes consigam abranger todos os constituintes em determinadas estruturas sentenciais. Entretanto, o mais importante é que fique claro que sentenças são formadas por constituintes que se combinam e se ordenam hierarquicamente. É a partir dessa idéia que o modelo gerativo vai focalizar a estruturação dos constituintes sintáticos, que passam a ser chamados tecnicamente de **Sintagmas**.

Outra característica dos constituintes ou sintagmas é que não se pode prever com quantos e com quais elementos eles vão ser formados, o que podemos prever é de que

maneira os elementos que o formam se organizam. Como essa organização acontece é justamente o que o módulo da Teoria X-barra vai explicar a seguir.

AGORA É A SUA VEZ: Para complementar o conteúdo até aqui explicitado, leia o capítulo I do livro Novo manual de sintaxe de Miotto et alii (2004) para que depois possa fazer alguns exercícios que serão sugeridos.



6.1. Teoria X-barra

Vimos até aqui que a linguagem humana, no que se refere ao escopo da sentença, tem uma organização específica e hierárquica, ou seja, as palavras não se juntam de maneira aleatória e, sim, seguindo determinadas regras, tanto que, por exemplo, uma sentença de 10 palavras teria 3.628.800 combinações matematicamente possíveis, sendo que, geralmente, apenas uma delas é a combinação gramatical dentro de uma língua particular. É essa competência ou essa capacidade de identificar qual a combinação correta que já vem conosco quando nascemos. Parece que temos já definidos de alguma forma os princípios pelos quais a linguagem se organiza em termos sintáticos. É justamente sobre essas regras ou princípios de organização estrutural da sentença e dos sintagmas que a teoria X-barra vai tratar.

Os sintagmas vão sempre se organizar a partir de um núcleo, é a partir dele que direta ou indiretamente as relações sintáticas são estabelecidas, dessa forma, temos que entender quais os tipos de núcleo que a teoria gerativa postula para o módulo X-barra. Começamos com os chamados **núcleos lexicais**, que correspondem a categorias lexicais já conhecidas da gramática tradicional, como verbo, nome, adjetivo e preposição. Os núcleos categoriais então, segundo a perspectiva gerativa, vão ser organizados a partir de características ou traços básicos referentes aos verbos e aos nomes (categorias praticamente universais nas línguas humanas) podendo ser $\pm$ verbal [$\pm$ V] ou $\pm$ Nominal [$\pm$ N], a combinação desses traços vai gerar o quadro abaixo:

	[+N]	[-N]
[-V]	Nome	Preposição
[+V]	Adjetivo	Verbo

Para entendermos essas combinações vamos observar um exemplo prático a partir do radical /derrot-/. No radical, temos apenas o sentido básico de ganho e perda que poderia ser expresso por um verbo [+V, -N] como **derrotar** em que não encontraríamos traços nominais como gênero e número, mas encontraríamos traços verbais como tempo, modo e pessoa. O mesmo radical poderia ser expresso por um nome [-V, +N] como **derrota** em que ao contrário da expressão anterior encontraríamos os traços nominais e não encontraríamos os traços verbais.

O mesmo radical poderia ser expresso pela palavra **derrotado**, que dependendo do contexto teria traços nominais como em *Meus irmãos são uns derrotados*, ou teria traços verbais como em *O Vasco tem derrotado o Flamengo*, por essa ambivalência, a categoria de adjetivo na tabela é fruto da combinação [+V, +N].

Falta apenas a explicação sobre a categoria que não tem nem traços verbais [-V] e nem traços nominais [-N], a preposição. Realmente, essa categoria se difere das outras por algumas características, como, por exemplo, fazer parte de uma classe fechada e também por não ser derivada de nenhuma outra categoria ou radical. O que possibilita a sua inserção nas categorias lexicais é uma característica fundamental que é a de ser selecionada semanticamente assim como as outras categorias lexicais. Por exemplo, na frase *Marcus comeu a bicicleta* teríamos uma inadequação semântica, pois o verbo comer seleciona como seu argumento interno ou seu complemento algo que seja comestível como *a farofa*. Do mesmo modo, temos em algumas preposições essa propriedade de seleção semântica, na frase *Marcus caiu sobre a ternura*, temos uma inadequação semântica também, enquanto que em *Marcus caiu sobre o banco* não teríamos problema, isso ocorre porque a preposição **sobre** precisa de um sintagma complemento que tenha a propriedade de lugar para que faça sentido.

A partir dessas quatro categorias básicas podemos entender como a teoria X-barra lida com os núcleos lexicais que aqui vamos representar por V (núcleo verbal), N (núcleo nominal), A (núcleo adjetival) e P (núcleo preposicional), esses núcleos vão dar origem aos sintagmas correspondentes:

Sintagma Verbal (SP)

Sintagma Nominal (SN)

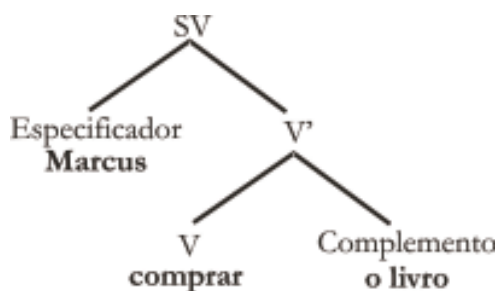
Sintagma Adjetival (SA)

Sintagma preposicional (SP)

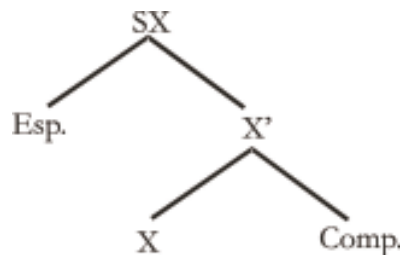
Os núcleos vão ter basicamente três níveis de projeção, o nível mínimo vai corresponder ao próprio núcleo categorial, o nível intermediário vai corresponder ao nível que relaciona núcleo e complemento e o nível máximo vai corresponder ao próprio sintagma abrangendo a relação do núcleo e o que chamamos de especificador. Isso vale para todos os núcleos e para todos os sintagmas. Vamos a um exemplo a partir de um sintagma verbal (SV).

(19) Marcus comprou o livro.

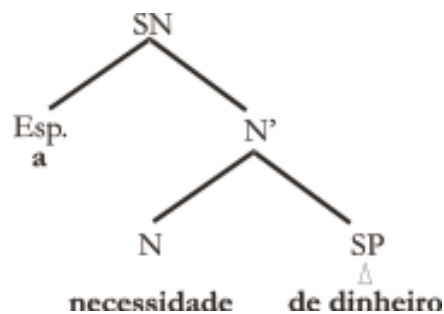
O núcleo V é o verbo **comprar**, o complemento **o livro** é um SN e os dois juntos vão formar a projeção intermediária do sintagma verbal que denominamos de V' ([comprou um livro]), e o outro SN **Marcus** ficará na posição de especificador e junto com a projeção V' (V linha) forma a projeção máxima SV ([Marcus] [comprou um livro]). Para que isso fique visualmente mais fácil de compreender, utiliza-se um esquema de árvore, em que os galhos representam as relações entre as partes da estrutura.



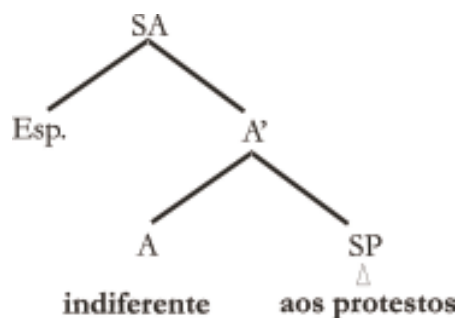
A forma da árvore e das relações hierárquicas representadas por ela vai ser exatamente a mesma para todos os sintagmas, independente da categoria do núcleo, ou seja, vai ser igual para SNs, SVs, SPs, e SAs. Por isso, para que se entenda essas relações fazemos uma árvore em que o núcleo vai ser uma variável X, a projeção intermediária X' e a projeção máxima SX, formando a árvore a seguir que pode ser aplicada a qualquer sintagma.



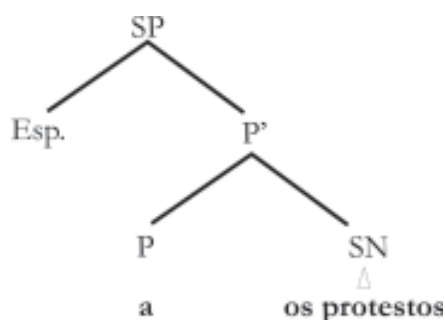
Vamos aplicar a mesma estrutura a outros sintagmas. Vejamos o sintagma nominal (SN) *a necessidade de dinheiro* em que o núcleo N é o nome *necessidade* que tem como complemento um sintagma preposicional (SP) *de dinheiro* e juntos formam a projeção intermediária N' [necessidade de dinheiro]. Esse nível intermediário se junta com o artigo *a* (que chamaremos de determinante) formando a projeção máxima que é o sintagma nominal SN [a necessidade de dinheiro]. A árvore correspondente a esse sintagma é a seguinte:



Vejamos agora o sintagma adjetival (SA) *indiferente aos protestos* em que o núcleo A é o adjetivo *indiferente* que tem como complemento um sintagma preposicional (SP) *aos protestos* e juntos formam a projeção intermediária A' [indiferente aos protestos] que, nesse caso, será idêntica à projeção máxima SA [indiferente aos protestos] já que não há nenhum elemento para preencher a posição de especificador. A árvore correspondente a esse sintagma é a seguinte:



Por último, vejamos o sintagma preposicional SP *aos protestos* em que o núcleo P é a preposição *a* que tem como complemento o sintagma nominal (SN) *os protestos* e juntos formam a projeção intermediária P' [aos protestos] que, nesse caso, será idêntica à projeção máxima SP [aos protestos], já que não há também nenhum elemento para preencher a posição de especificador. A árvore correspondente a esse sintagma é a seguinte:



Com esses exemplos, temos uma amostra de como a teoria X-barra determina a configuração estrutural de sintagmas com núcleos lexicais em português.

Complicando um pouco mais, vamos descrever os chamados **núcleos funcionais**. Diferentes dos núcleos lexicais que selecionam semanticamente seus complementos, estes vão selecionar categorialmente seus complementos, ou seja, vão selecionar a categoria dos seus complementos.

Descrevemos os núcleos funcionais C, F e D que projetam o sintagma Complementador SC, o sintagma Flexional SF e o sintagma Determinante SD, respectivamente. Vamos entendê-los. O sintagma complementador codifica os traços referentes à chamada força ilocucionária que nada mais é do que a informação sobre se uma sentença é declarativa ou interrogativa. Vejamos os dois exemplos abaixo:

(20) Mario disse que Paula jogou a bola no mato.

(21) Mario perguntou se Paula jogou a bola no mato.

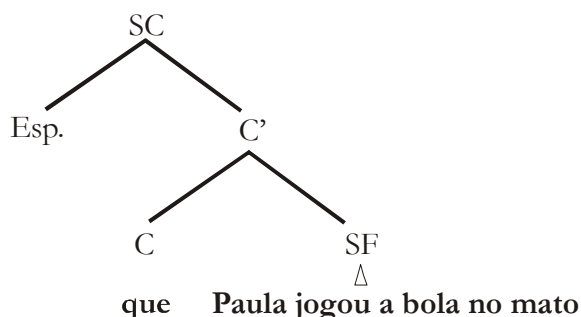
Em (20), o complemento do verbo dizer é uma oração subordinada com força ilocucionária declarativa associada ao complementador *que* (tradicionalmente classificado como conjunção integrante), e em (21), o complemento do verbo perguntar é também uma oração subordinada, só que agora com força ilocucionária interrogativa associada ao

complementador *se*. Se trocarmos os complementadores como nas sentenças abaixo, elas se tornam agramaticais, como podemos observar a seguir:

(20') * Mario disse se Paula jogou a bola no mato.

(21') * Mario perguntou que Paula jogou a bola no mato.

A partir das propriedades ilocucionárias, presentes na estrutura sintática, podemos postular um sintagma Complementador (SC) independente que codifique essa informação da oração subordinada de (20):



O sintagma flexional (SF) codifica informações gramaticais como Tempo e Concordância (número e pessoa). Essas informações são necessárias para que as sentenças sejam gramaticais, vejamos os exemplos a seguir:

(22) *Nós comprar um computador novo.

(23) *Nós comprarmos um computador novo.

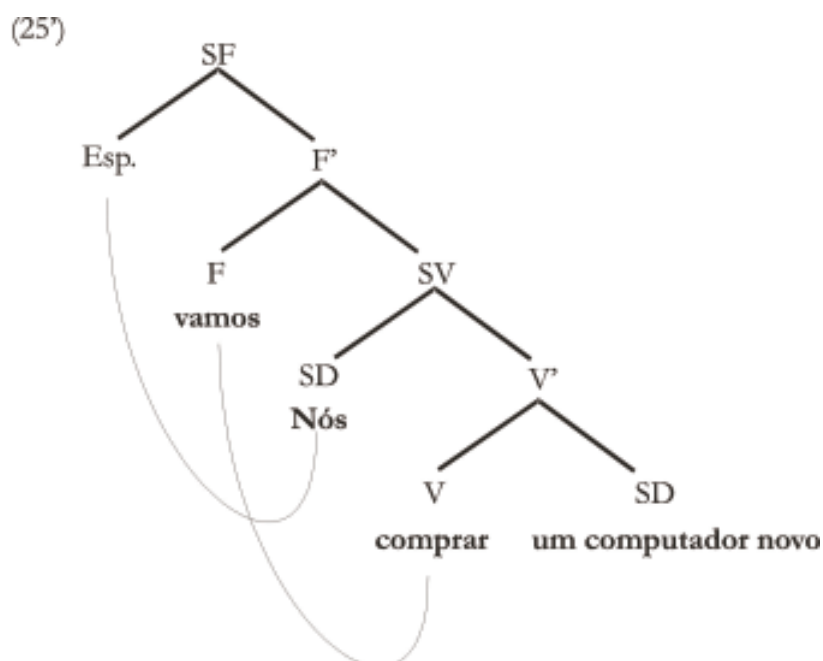
(24) Nós compraremos um computador novo.

(25) Nós vamos comprar um computador novo.

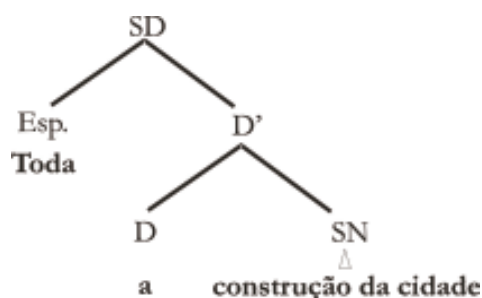
Em (22), não temos informação nem sobre o tempo verbal, nem sobre concordância, já em (23), apesar de haver a informação sobre concordância a partir da desinência número-pessoal **–mos**, não existe informação sobre o tempo da ação verbal, sendo assim, percebemos que sem essas informações as sentenças tornam-se agramaticais em português. Diferentemente, se observamos a sentença em (24) encontramos a marca de tempo na desinência de futuro **–re** e a marca de concordância número-pessoal na desinência **–mos**, já em (25), encontramos as marcas de tempo e concordância no verbo auxiliar **vamos**,

ambas as sentenças são gramaticais, já que contêm marcas flexionais de concordância e tempo.

Com base em exemplos desse tipo em que percebemos nitidamente a relevância da codificação de determinadas informações flexionais, é que o modelo gerativo postula a existência de um sintagma flexional (SF) independente em que essa codificação se concretiza. A representação arbórea da sentença (25) com base na teoria X-barra ficaria da seguinte forma:



Por último, temos como núcleo funcional o Determinante (D) que é uma unidade gramatical que permite limitar o referente potencial de um sintagma nominal (SN) ou quantificar um sintagma nominal (SN). Em português, os determinantes incluem os artigos, os demonstrativos, assim como uma série de elementos léxicos que indicam identidade ou quantidade. Por sua vez, o sintagma Determinante (SD) codifica a informação sobre a referencialidade de um sintagma nominal (SN) e é expresso com base na teoria X-barra da seguinte maneira:



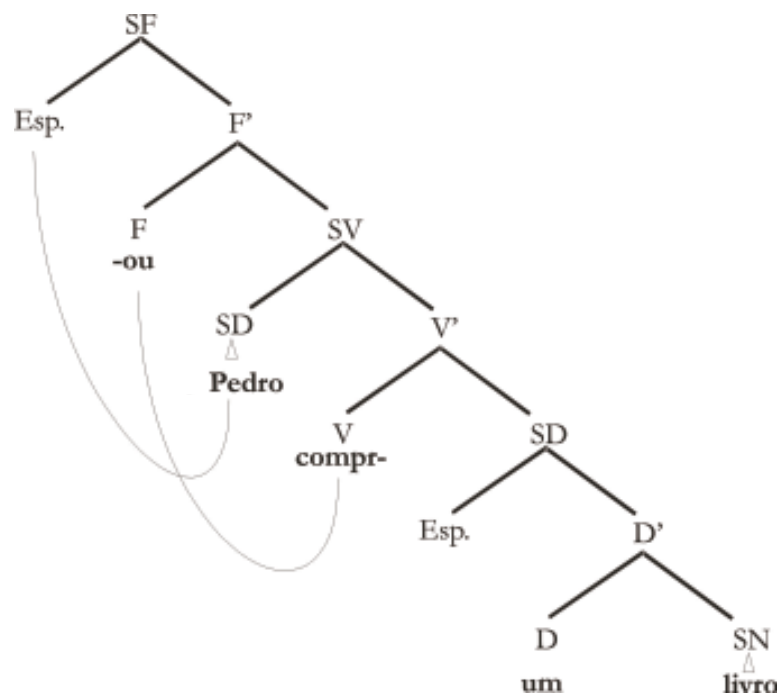
(26) Toda a construção da cidade

Com base nos diagramas arbóreos referentes aos três tipos de sintagma funcional explicitados, percebemos que enquanto o sintagma complementador (SC) seleciona sempre um sintagma flexional (SF) como complemento, o sintagma flexional (SF) seleciona sempre um sintagma verbal (SV) como complemento, e o sintagma determinante (SD) seleciona sempre um sintagma nominal (SN) como complemento, ou seja, cada um deles seleciona sempre uma categoria específica sem levar em consideração a semântica dessa categoria.

Vamos agora entender como são geradas algumas sentenças simples do português a partir das noções da teoria X-barra que aprendemos até aqui.

(27) Pedro comprou um livro.

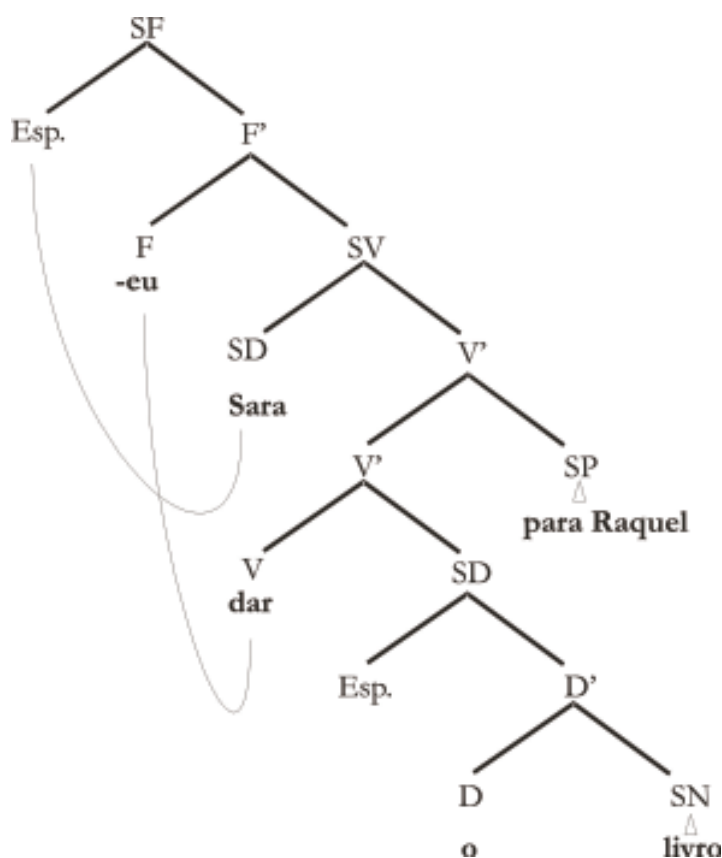
Representação arbórea:



A sentença simples com um verbo transitivo direto em (27) é representada na teoria X-barra pela árvore em (27'). O que podemos observar é que o sintagma determinante (SD) **Pedro** é gerado na posição de especificador do sintagma verbal (SV), que tem como núcleo (V) o radical verbal **compr-** e tem como complemento o sintagma determinante (SD) **um livro**. Temos ainda o deslocamento de dois elementos, o radical verbal **compr-** se move para receber a flexão **-ou** que é o núcleo do sintagma funcional (SF), e o SD **Pedro** se move para especificador de SF para receber CASO¹¹ nominativo, ou dizendo de outra forma, se move para a posição relacionada à função de sujeito da sentença. Após esses dois deslocamentos, temos a sentença (27) pronta para ser pronunciada. Vamos a mais um exemplo:

(28) Sara deu o livro para Raquel.

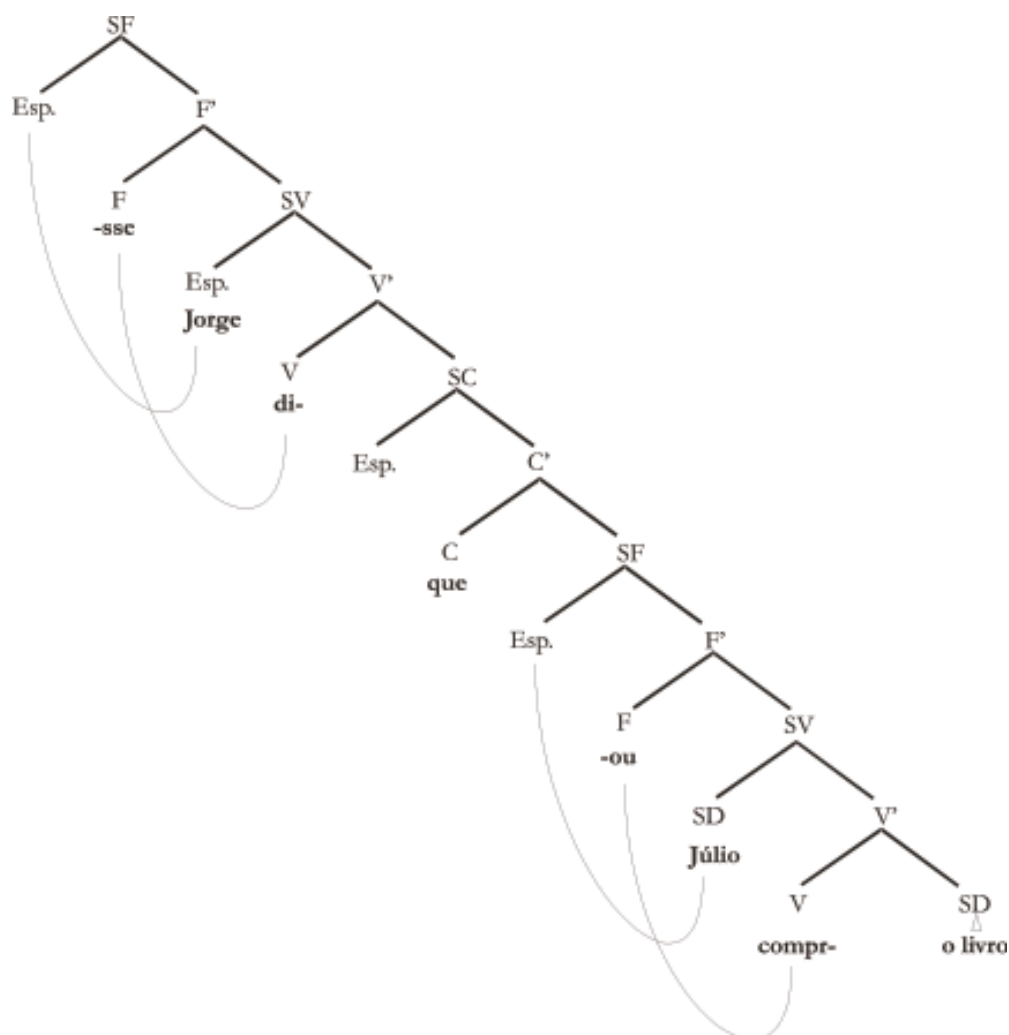
Representação arbórea:



¹¹ A teoria do CASO é outro módulo do modelo gerativo que será explicado mais adiante.

Para a sentença (28) com um verbo bitransitivo, temos a representação em (28'). O que muda em relação à representação em (27') é justamente em função do número de argumentos ou complementos do verbo dar, enquanto o verbo comprar em (27) necessita apenas de um complemento, em (28), o verbo dar precisa de dois complementos, quem dá, dá **alguma coisa para alguém**. Para representar esses dois complementos na árvore, fazemos como está expresso em (28'), duplicamos a projeção intermediária V' que é precisamente onde se expressa a relação entre núcleo e complemento. Dessa forma, temos o SD **o livro** relacionado ao V' mais baixo na árvore e o sintagma preposicional (SP) **para Raquel** relacionado ao V' mais alto no diagrama. Após os dois deslocamentos semelhantes aos da representação (27'), temos a sentença (28) pronta para ser pronunciada.

(29) Jorge disse que Júlio comprou o livro.



Como último exemplo, temos a frase (29), representada no diagrama (29'), que tem uma oração subordinada encaixada. O verbo **dizer** da oração principal necessita, neste caso, de um complemento sentencial, por isso existe um sintagma complementador (SC) como complemento do SV que tem como núcleo o verbo **dizer**. O SC tem como núcleo a conjunção **que**, codificando a força ilocucionária declarativa. Após o sintagma complementador (SC) temos o SF relacionado ao verbo **comprar** que segue a configuração já expressa no diagrama (27').

Vimos, até aqui, como o modelo gerativo lida com a hierarquia de sintagmas que compõem as estruturas sintáticas das línguas e exemplificamos com sentenças simples do português. O próximo passo é entender também de forma resumida como outro módulo da gramática gerativa atua dentro do modelo: a teoria temática.

REFLEXÃO: O interessante no modelo gerativo é que ele lança luz sobre a complexidade escondida atrás de uma simples sentença cotidiana e consegue dar conta de como essa complexidade se organiza e porque aparenta ser simples, é como o ato de ver que também é aparentemente simples, é só olhar para alguma coisa e a vemos, mas por trás dessa simplicidade também há uma complexa engenharia biológica. Os conceitos relacionados à faculdade da linguagem e à Gramática Universal explicam porque aparenta ser simples falar, simplesmente porque já somos equipados para fazer isso desde que nascemos assim como a visão. O modelo gerativo a partir da postulação de seus módulos e representações tenta descrever e explicar os passos básicos com os quais a maquinaria humana tem que lidar para fazer com que a linguagem aconteça nos indivíduos.



AGORA É A SUA VEZ: Para que você se aprofunde no entendimento do módulo da Teoria X-barra proposto pelo modelo gerativo, leia o capítulo II do livro Novo manual de sintaxe de Mioto et alii (2004) e identifique suas maiores dúvidas para que possamos clarificá-las.



ATENÇÃO: No livro Novo manual de sintaxe, os sintagmas estão representados por suas siglas em inglês: Sintagma Determinante (SD) = Determiner Phrase (DP), Sintagma Nominal (SN) = Nominal Phrase (NP), Sintagma Verbal (SV) = Verbal Phrase (VP), Sintagma Adjetival (SA) = Adjectival Phrase (AP), Sintagma Preposicional (SP) = Prepositional Phrase (PP), Sintagma Flexional (SF) = Inflectional Phrase (IP), Sintagma Complementador (SC) = Complementizer Phrase (CP).

6.2. Teoria temática (ou teoria θ)

O módulo da teoria temática lida com a interface entre léxico e sintaxe, ou seja, trata de como as informações contidas no léxico, nas palavras basicamente, interagem com a estrutura sintática possibilitando a produção e compreensão das sentenças de uma língua. Vamos entender um pouco do que estamos falando a partir dos exemplos a seguir:

(30) *O telefone comeu um bife suculento.

(31) Rui comeu um bife suculento.

(32) O cão comeu um bife suculento.

(33) *Rui comeu um azulejo suculento.

No exemplo (30), temos uma frase com problemas semânticos, pois **o telefone** não tem propriedades que permitam que ele seja o agente do verbo comer, diferente dos exemplos (31) e (32) em que encontramos **Rui** e **O cão** que satisfazem as necessidades semânticas do verbo comer, ou seja, tanto Rui, quanto o cão tem determinadas propriedades lexicais que permitem que sejam agentes do verbo. Já o exemplo (33) nos mostra um outro problema semântico, agora não no agente, mas no paciente ou tema do verbo comer, isto é, **um azulejo** não tem as propriedades lexicais necessárias para satisfazer os requisitos do complemento do verbo comer, diferente do que acontece nos exemplos (30, 31 e 32) em que **o bife** satisfaz esses requisitos por ser algo comestível.

Reparamos nesses exemplos que há uma espécie de seleção semântica relacionada com o verbo comer, assim acontece de uma maneira geral, as categorias lexicais selecionam semanticamente os seus argumentos. A teoria temática explica como ocorre essa seleção semântica em interação com a sintaxe.

As palavras contidas no léxico trazem dois tipos de informação, basicamente, um tipo relacionado à categoria lexical, já que sabemos que palavras com sentidos semelhantes se comportam sintaticamente de forma distinta, como vemos nos exemplos a seguir utilizando as palavras poluir e poluição:

- (33) Miro polui o rio da cidade.
- (34) *Miro poluição o rio da cidade.
- (35) Miro provoca poluição no rio da cidade.
- (36) *Miro provoca polui no rio da cidade.

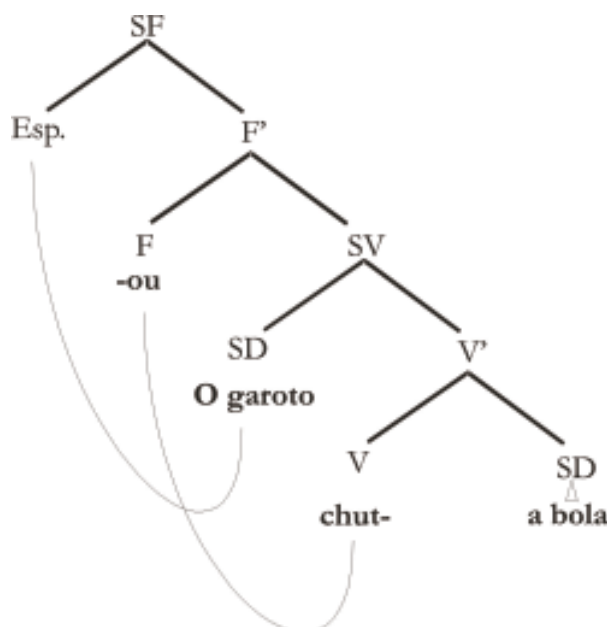
Nesses quatro exemplos, percebemos que apesar de as palavras **polui** e **poluição** terem uma semântica bastante semelhante, a categoria verbal expressa em (33) com “polui” mostra uma configuração sintática que não é adequada com a categoria nominal expressa em (34) com “poluição”, o que gera agramaticalidade. O contrário acontece com os exemplos (35) e (36) em que temos uma configuração sintática adequada à categoria nominal em (35) e não adequada à categoria verbal em (36), gerando mais uma vez agramaticalidade. A informação categorial então é fundamental para que a sintaxe se expresse de forma adequada.

O outro tipo de informação que o léxico contém e que dialoga com a sintaxe é justamente a quantidade de argumentos e quais são os tipos de argumento que cada palavra precisa para satisfazer suas necessidades referentes à configuração sintático-semântica mínima possível. É disso que a teoria temática vai tratar. Vamos a mais alguns exemplos:

- (37) O garoto chutou a bola.
- (38) *chutou a bola.
- (39) *O garoto chutou.
- (40) *O garoto a menina chutou a bola.
- (41) *O garoto chutou a bola o disco.

Nesses exemplos, vamos observar como ocorre o comportamento sintático-semântico relacionado ao verbo **chutar**. Como dissemos, as palavras trazem algumas informações do léxico, nesse caso o verbo **chutar**, além da informação categorial, traz a informação de quantos argumentos ele necessita para que sua configuração estrutural seja adequada no português. **Chutar** precisa de dois argumentos, que são satisfeitos em (37) com o SD **o garoto** como argumento externo na posição de sujeito e **a bola** como argumento interno na posição de complemento. Isso fica visualmente claro na representação arbórea (37'):

(37')



Se observarmos os exemplos (38) e (39) em que há a ausência do argumento externo e do argumento interno, respectivamente, notamos que temos frases agramaticais no português. O mesmo acontece quando temos argumentos a mais como em (40) e (41), o que também gera agramaticalidade.

Além da quantidade de argumentos, temos determinadas propriedades semânticas relacionadas aos argumentos externo e interno que são adequadas ao verbo **chutar** e temos outras propriedades que não são adequadas. Essas propriedades são definidas por **papéis temáticos** (ou semânticos). Em (37), vimos uma combinação adequada, já que o SD **o garoto** tem propriedades que o enquadram no papel temático de agente, e o SD complemento **a bola** tem propriedades que o enquadram no papel temático de paciente

ou tema. Isso faz com que a **grade temática** (ou semântica) do verbo chutar seja satisfeita, ou seja, o verbo chutar precisa de um **agente** como argumento externo e de um **paciente** ou **tema** como argumento interno, isso já não ocorre nos exemplos a seguir.

(42) *O prédio chutou a bola.

(43) *O garoto chutou o sol.

Em (42), temos o SD (O prédio) como argumento externo que não tem propriedades semânticas que o enquadrem no papel temático de agente, e em (43), temos o SD (o sol) que não tem propriedades semânticas de paciente ou tema do verbo chutar, por isso, em ambas as frases, temos agramaticalidade. Percebemos que essa configuração que combina informação categorial e temática contida no léxico com a estrutura sintática só ocorre quando há interação entre esses dois níveis lingüísticos. Dessa forma, se o modelo gerativo tenta explicar como as sentenças são geradas, ele tem de dar conta dessa interação, mostrando como ocorre a atribuição e o recebimento dos papéis temáticos dentro da estrutura sintática.

A teoria temática postulada pelo modelo gerativo funciona, em breves palavras, da seguinte maneira: os núcleos lexicais são responsáveis pela atribuição dos papéis temáticos e os argumentos referentes aos núcleos são os elementos que recebem o papel temático. No exemplo (37), é isso que ocorre, o núcleo do SV precisa de dois argumentos, um que tenha papel temático de agente e outro que tenha papel temático de paciente ou tema, por isso a frase é gramatical em português, quando há qualquer violação na atribuição ou no recebimento dos papéis temáticos, temos agramaticalidade, como vimos nos exemplos de 38 – 43.

Essa violação pode ocorrer nas seguintes condições:

- a) Quando temos ausência de algum argumento (Ex: 38 e 39), pois o núcleo não tem a quem atribuir os papéis temáticos que contém;
- b) Quando temos mais argumentos do que o núcleo pode satisfazer atribuindo papel temático, o que faz com que existam elementos na frase sem papel temático (Ex. 40 e 41);

- c) Ou quando temos argumentos que não contêm propriedades semânticas relacionadas aos papéis temáticos atribuídos pelo núcleo lexical correspondente (Ex. 42 e 43).

Para finalizar a breve descrição sobre o módulo da teoria temática, vamos listar alguns dos possíveis papéis temáticos que podem ser atribuídos pelos núcleos lexicais:

- a) Agente (ou causativo) – entidade que causa ou inicia alguma ação.

Ex. **Pedro** escondeu a borracha.

- b) Paciente ou tema – entidade que sofre o efeito de alguma ação.

Ex. O tigre arranhou **o domador**.

- c) Experienciador – entidade que tem a experiência de algum estado psicológico ou físico.

Ex. **Paulo** sentiu dor de cabeça.

Nós entendemos a matéria.

- d) Instrumento – objeto com o qual se pratica uma ação.

Ex. Serraram o tronco com **a serra elétrica**.

- e) Benefactivo (ou beneficiário) – entidade que se beneficia de algum evento.

Ex. Miro deu flores para **a namorada**.

- f) Locativo – lugar onde algo/alguém se situa ou onde ocorre algo.

Ex. Jorge colocou a caneta **no estojo**.

- g) Origem – entidade da qual algo é movido como resultado da atividade expressa pelo verbo.

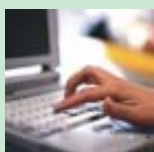
Ex. Miriam trouxe presentes **do nordeste**.

O trem vai de **João Pessoa** para Recife.

- h) Alvo – entidade em cuja direção a atividade expressa pelo verbo aponta.

Ex. Bianca entregou a carta **ao chefe**.

O trem vai de João Pessoa para **Recife**.



AGORA É A SUA VEZ: Para que você se aprofunde no entendimento do módulo da Teoria Temática proposto pelo modelo gerativo, leia o capítulo III do livro Novo manual de sintaxe de Miotto et alii (2004) e identifique suas dúvidas para que possamos clarificá-las.

6.3. Teoria do Caso

O módulo da Teoria do Caso lida com uma categoria gramatical relevante para a estruturação sintática das línguas que, geralmente, é deixada de lado nas análises sintáticas tradicionais. O Caso abstrato é crucial para que reconheçamos as funções sintáticas dos sintagmas determinantes (SD) contidos nas sentenças que produzimos e compreendemos no português, isso ficará claro mais a diante. Vamos começar mostrando as semelhanças e as distinções entre a noção de **caso morfológico** e o conceito, postulado pela gramática gerativa, de **Caso abstrato**.

Na língua latina, por exemplo, a categoria gramatical do caso é marcada na morfologia, ou seja, as palavras têm marcas que mostram qual é o caso e a função sintática que elas exercem na sentença. Vejamos os exemplos abaixo:

(44) *Dominus juvat poetam.* (O Senhor ajuda o poeta)

(45) *Poetam juvat dominus.* (O Senhor ajuda o poeta)

(46) *Dominus poetam juvat.* (O Senhor ajuda o poeta)

(47) O Senhor ajuda o poeta.

(48) O poeta ajuda o senhor.

Nos três primeiros exemplos em Latim, independente da ordem das palavras, temos o mesmo significado, sabemos que quem ajuda é **O Senhor**, e quem é ajudado é **o poeta**, isso se deve à marcação de caso morfológico, a marca expressa com o morfema **-us** corresponde ao caso nominativo relacionado à função de sujeito e a marca expressa com o morfema **-m** corresponde ao caso acusativo relacionado à função de objeto direto, por isso, independente da ordenação sintática, o mesmo significado pode ser extraído dos exemplos 44, 45 e 46. Temos, com essas sentenças latinas, exemplos de caso morfológico.

Nos exemplos (47) e (48) do português, a história é um pouco diferente, pois a mudança de ordenação, ocorrida de uma sentença para outra, muda completamente o sentido das frases, enquanto que em (47), quem ajuda é **O Senhor** e quem é ajudado é **o poeta**, em (48), isso se inverte, quem ajuda é **o poeta** e quem é ajudado é **o Senhor**.

Essa inversão ocorre porque não há nenhuma marca expressa na morfologia das palavras que defina qual é o caso e a função sintática de cada uma delas, entretanto em ambas conseguimos saber quem ajudou e quem foi ajudado. Como conseguimos saber isso sem marcas morfológicas? Sabemos justamente por causa da ordenação, é a maneira como as palavras se configuram sintaticamente que permite a nossa interpretação de um ou de outro sentido.

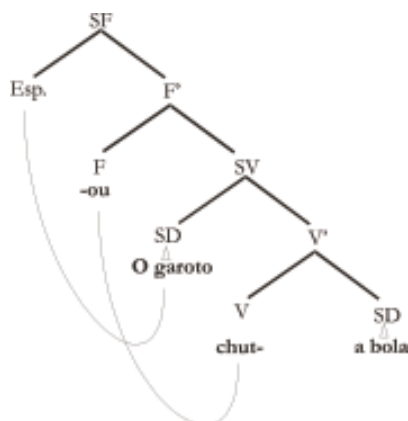
A gramática gerativa postula a existência do **Caso abstrato** que abrange tanto a marcação de caso morfológico como nas sentenças latinas, quanto à marcação de caso estabelecida pela ordenação sintática como nos exemplos em português, isto é, sempre temos marcação de caso, em algumas línguas essa marcação se expressa morfológicamente e em outras línguas não. A teoria do Caso diz respeito à descrição e explicação de como essa marcação de caso acontece, especialmente, em línguas como o português que não têm expressão de caso na morfologia.

Assim como na teoria temática temos posições sintáticas atribuidoras de papel temático, temos nesse módulo da gramática gerativa posições sintáticas que são capazes de atribuir Caso e determinados elementos que têm de receber esse Caso. Para entender como isso acontece, comecemos pelo princípio que rege essa atribuição e esse recebimento de Caso.

Princípio do Filtro de Caso – Todo Sintagma Determinante (SD) pronunciado em uma sentença tem que receber Caso.

Para entendermos como funciona na prática esse princípio, vamos nos reportar a representação (37') da sentença **O garoto chutou a bola** repetida a seguir.

(37')



Diferente do que acontece na teoria temática em que o núcleo V é capaz de atribuir papel temático para os seus dois argumentos, na teoria do Caso, cada posição sintática só tem um Caso para atribuir, por isso o núcleo V atribui **Caso acusativo** ao SD **a bola**, mas não consegue atribuir **Caso nominativo** ao SD **o garoto**, isso explica o movimento do SD **o garoto** para a posição de especificador de SF, nessa posição ele pode receber caso nominativo do núcleo do sintagma flexional (SF). De uma maneira geral, o núcleo verbal atribui Caso acusativo ao seu complemento e o núcleo flexional F atribui Caso nominativo ao seu especificador.

Já que cada posição sintática atribuidora só pode atribuir apenas um Caso, como podemos dar conta do SD **a estante** da sentença (49) a seguir:

(49) Fernanda colocou o livro na estante

(50) *Fernanda colocou o livro a estante.

Nessa sentença, temos dois complementos e o núcleo verbal V é capaz de atribuir Caso a apenas um deles, e o faz atribuindo Caso acusativo ao SD o livro. Para que o princípio do Filtro de Caso seja cumprido temos a presença da **preposição** antes do SD **a estante**, ela existe para que esse SD receba o **Caso oblíquo**.

Se a preposição **em** não existisse na sentença exemplificada, teríamos agramaticalidade como em (50), já que um sintagma determinante ficaria sem receber Caso, violando o princípio do Filtro de Caso.

Mostramos as configurações básicas de atribuição de Caso postuladas pelo modelo gerativo. O Caso acusativo, relacionado à função sintática de objeto direto, é atribuído pelo núcleo do sintagma verbal (SV) e recebido pelo sintagma determinante (SD) na posição de complemento, já o caso nominativo, relacionado à função sintática de sujeito, é atribuído pelo núcleo do sintagma flexional (SF) e recebido pelo sintagma determinante (SD) deslocado para a posição de especificador de SF, e, por último, o caso oblíquo, relacionado à função sintática de objeto indireto, é atribuído pelo núcleo do sintagma preposicional (SP) e recebido pelo sintagma determinante (SD) na posição de complemento da preposição.



AGORA É SUA VEZ: Para que você se aprofunde no entendimento do módulo da Teoria do Caso proposto pelo modelo gerativo, leia o capítulo IV do livro Novo manual de sintaxe de Miotto et alii (2004) e identifique suas dúvidas para que possamos clarificá-las.



REFLEXÃO: O modelo gerativo, desde o seu surgimento, é bastante dinâmico, por isso é importante que você tenha em mente que aqui estamos abordando o modelo de princípios e parâmetros que corresponde a uma determinada fase da teoria gerativa. Optamos por esse modelo por acharmos que é o que contém os conceitos já em um momento maduro da pesquisa e por constatarmos que a maioria desses conceitos ainda são válidos atualmente. As atualizações mais recentes do modelo gerativo se enquadram no que Chomsky denominou Programa Minimalista, que tenta, depois de muita pesquisa e de muitas línguas descritas, enxugar o modelo tornando-o mais elegante em termos teóricos e empíricos.



ATENÇÃO: Não perca de vista que neste texto você encontra apenas alguns pontos de partida para o estudo da linguagem na perspectiva da teoria gerativa, como você deve ter percebido, o arcabouço teórico é bastante vasto e, muitas vezes, complexo, entretanto não menos interessante e instigante. Nossa intenção é despertar a curiosidade e a vontade de saber mais sobre os estudos da linguagem, ajudando a você a entrar nesse mundo ainda mais vasto da Lingüística. No próximo semestre, você dará continuidade nesse seu caminhar pelas teorias e áreas de estudos relacionadas à Linguagem Humana.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA E COMPLEMENTAR

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. brasileira de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

COSTA, Marcos Antônio. 2008. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mario et alii (Orgs.) *Manual de Lingüística*. São Paulo: Editora Contexto.

KENEDY, Eduardo. 2008. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mario et alii (Orgs.) *Manual de Lingüística*. São Paulo: Editora Contexto.

MAURO, Tullio de. "Notas". In: SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de Linguistique Générale*. 4. ed. Paris: Payot, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 25ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2004.

MIOTO, C., SILVA, M. C. F., LOPES, R. E. V. 2004. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular.

PINKER, Steven. 2002. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (tradução Claudia Berliner)